

V DOMINGO DA QUARESMA A | 21 E 22 DE MARÇO DE 2026

**ABRE AS TUAS MÃOS.
MENOS CLIQUE.
MAIS TOQUE.**



PARÓQUIAS | SENHORA DA HORA E SÃO MARTINHO DE GUIFÕES

RITOS INICIAIS

SMG 17h30: 7.º dia de Joaquim Luís Couto; **NSH 11h00:** Bodas Matrimoniais de Joaquim Lopes Alves e Maria de Fátima Silva Alves; filhos Sónia, Nuno e João André; genro Nuno, noras Patrícia e Sandra. Netos: Vasco e Francisco; **NSH 19h00:** 7.ºs dias de Maria Alice Silva Castro; Domingos Manuel Oliveira Castro.

Cântico de entrada | Saudação Inicial

P. Celebramos o 5.º Domingo da Quaresma. E o Evangelho de hoje fala-nos da Ressurreição de Lázaro. A Ressurreição de Lázaro é o último dos sete sinais de Jesus. É o sinal mais próximo, é anúncio e prenúncio da morte e ressurreição de Jesus. Diante de nós, permanece o apelo fundamental da nossa caminhada: **“Abre-te. Da Quaresma à Páscoa, um caminho com sentido, um caminho com sentidos”**. Depois de afinarmos os sentidos do ouvido, do paladar e da visão, somos desafiados, nesta 5.ª semana da Quaresma, a desenvolver **o sentido do tato**. Aprendamos a tocar, com ternura, a carne de Cristo, em cada pessoa, e sobretudo na pessoa dos mais frágeis, dos doentes, dos pobres, dos sós.



Presidente: [um(a) catequizando(a) do 5.º ano coloca o 5.º selo na «Chave dos Sentidos»] Colocamos já na Chave dos Sentidos o quinto selo, que evidencia o sentido do tato. Ele tem inscrito o apelo principal desta quinta semana da Quaresma: **“Abre as tuas mãos. Menos click e mais toque”**.

Se houver oportunidade, pode entoar-se o Cântico: *Senhor, recebe os meus sentidos, os olhos, ouvidos e a voz...* (Letra e música de **Pe. Bruno Ferreira, Diocese do Porto**).
Ou Cântico: “Eis o tempo favorável”. Estrofe adaptada para o 5.º domingo (**Daniel Sousa / Pedro Ferreira**).

Ato penitencial – forma B - cantado

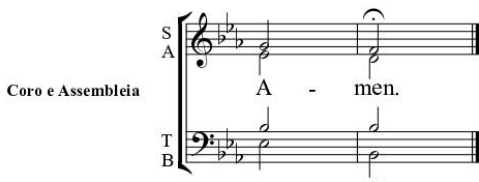
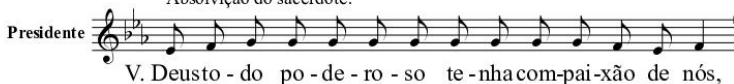
NRMS 50-51

Ato penitencial
Fórmula B

Manuel Simões



Absolvição do sacerdote:



P. Senhor, tende piedade de nós. **R.** Senhor, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós. **R.** Cristo, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós. **R.** Senhor, tende piedade de nós.

Oração coleta

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura – forma mais breve

Leitura da Profecia de Ezequiel

Assim fala o Senhor Deus:

“Meu Povo:

Vou abrir os vossos túmulos
e deles vos farei ressuscitar,
para vos reconduzir à terra de Israel.

Meu Povo:

Infundirei em vós o meu espírito
e revivereis.

Hei de fixar-vos na vossa terra
e reconhecereis que Eu, o Senhor,
o disse e o realizei”.

Palavra do Senhor.

R. Graças a Deus.

Salmo Responsorial: **Sl 129 (130), 1-2.3-4ab.4c-6.7-8 (R. 7)**

Nota: Nas Missas com Catequese, cantar apenas as duas últimas estrofes.

Refrão: No Senhor está a misericórdia e abundante redenção.

Ou: No Senhor está a misericórdia, no Senhor está a plenitude da redenção.

2.^a leitura – forma mais breve

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos:

O Espírito d'Aquele

que ressuscitou Jesus de entre os mortos

habita em vós.

O Espírito d'Aquele

que ressuscitou Jesus de entre os mortos

também dará vida aos vossos corpos mortais.

Palavra do Senhor.

R. Graças a Deus.

Aclamação ao Evangelho: Louvor a Vós... (ou outro)

EVANGELHO A VOZES | Jo 9,1-41 | Forma breve

Sugerimos, sobretudo nas Missas com Catequese, a proclamação do Evangelho a vozes. Se houver diácono, este pode assumir a função de Narrador, deixando a voz de Jesus para o Presidente da Celebração. Se não houver diácono, a voz do Narrador é confiada a um leitor. Convém uma voz feminina para as palavras de Maria e Marta. Para a versão longa, consultar páginas 18 a 23 do guião completo.

Narrador (Diácono): Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Narrador (Diácono): Naquele tempo, as irmãs de Lázaro mandaram dizer a Jesus:

Leitora 1 (Irmãs): «Senhor, o teu amigo está doente».

Narrador (Diácono): Ouvindo isto, Jesus disse:

Presidente (Jesus): «Essa doença não é mortal, mas é para a glória de Deus, para que por ela seja glorificado o Filho do homem».

Narrador (Diácono): Jesus era amigo de Marta, de sua irmã e de Lázaro. Entretanto, depois de ouvir dizer que ele estava doente, ficou ainda dois dias no local onde Se encontrava. Depois disse aos discípulos:

Presidente (Jesus): «Vamos de novo para a Judeia».

Narrador (Diácono): Ao chegar, Jesus encontrou o amigo sepultado havia quatro dias. Quando ouviu dizer que Jesus estava a chegar, Marta saiu ao seu encontro, enquanto Maria ficou sentada em casa. Marta disse a Jesus:

Leitora 1 (Marta): «Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Deus To concederá».

Narrador (Diácono): Disse-lhe Jesus:

Presidente (Jesus): «Teu irmão ressuscitará».

Narrador (Diácono): Marta respondeu:

Leitora 1 (Marta): «Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia».

Narrador (Diácono): Disse-lhe Jesus:

Presidente (Jesus): «Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em Mim, ainda que tenha morrido, viverá; e todo aquele que vive e acredita em Mim, não morrerá para sempre. Acreditas nisto?».

Narrador (Diácono): Disse-Lhe Marta:

Leitora 1 (Marta): «Acredito, Senhor, que Tu és o Messias, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo».

Narrador (Diácono): Jesus comoveu-Se profundamente e perturbou-Se. Depois perguntou:

Presidente (Jesus): «Onde o pusestes?».

Narrador (Diácono): Responderam-Lhe:

Leitora 1 (Marta e Maria): «Vem ver, Senhor».

Narrador (Diácono): E Jesus chorou. Diziam então os judeus: Vede como era seu amigo».

Narrador (Diácono): Mas alguns deles observaram: «Então Ele, que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito que este homem não morresse?». Entretanto, Jesus, intimamente comovido, chegou ao túmulo. Era uma gruta, com uma pedra posta à entrada. Disse Jesus:

Presidente (Jesus): «Tirai a pedra».

Narrador (Diácono): Respondeu Marta, irmã do morto:

Leitora 1 (Marta): «Já cheira mal, Senhor, pois morreu há quatro dias».

Narrador (Diácono): Disse Jesus:

Presidente (Jesus): «Eu não te disse que, se acreditasses, verias a glória de Deus?».

Narrador (Diácono): Tiraram então a pedra. Jesus, levantando os olhos ao Céu, disse:

Presidente (Jesus): «Pai, dou-Te graças por Me teres ouvido. Eu bem sei que sempre Me ouves, mas falei assim por causa da multidão que nos cerca, para acreditarem que Tu Me enviaste».

Narrador (Diácono): Dito isto, bradou com voz forte:

Presidente (Jesus): «Lázaro, **vem** para fora».

Narrador (Diácono): O morto saiu, de mãos e pés enfaixados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhes Jesus:

Presidente (Jesus): «Desligai-o e deixai-o ir».

Narrador (Diácono): Então muitos judeus, que tinham ido visitar Maria, ao verem o que Jesus fizera, acreditaram n'Ele.

Diácono (ou Presidente, se não houver diácono):

Palavra da salvação.

Todos: Glória a Vós, Senhor!



HOMILIA NO V DOMINGO DA QUARESMA A 2026

1. “*Senhor, o teu amigo está doente*” (Jo 11,3). À triste notícia, Jesus não se precipita nem reage com pressa ansiosa; dá tempo ao tempo, para que se manifeste a glória de Deus! Entretanto, quando Jesus chega, passaram-se já quatro dias e é claro que Lázaro morreu e está bem morto; não havia já qualquer esperança de vida ou de reanimação, passado o terceiro dia da sua morte. Entretanto, Jesus deixa que Marta e Maria venham ao seu encontro, desabafem a sua dor. Jesus aproxima-se primeiro da dor de uma e de outra e comove-se intimamente, com todos os que choram a morte de Lázaro. Jesus chora! Não fica à distância do drama humano da morte e dirige-se até à gruta do túmulo. Jesus toca sem qualquer medo de contágio a realidade desta nossa carne frágil, da doença, da dor, do sofrimento, da morte, do luto. E quer envolver-nos e desenvolver em nós o tato e o contacto com esta fragilidade humana, por isso agiliza o nosso tato e ordena: *«tirai a pedra»*, removei os obstáculos ao contacto com a realidade; e logo depois de Lázaro sair do túmulo, Jesus dá nova ordem de um contacto desprendido: *«desligai-o e deixai-o ir»*. Que o vosso toque liberte e não aprisione. Tudo isto nos mostra quanto Jesus toca e Se deixa tocar, quanto Ele Se aproxima e Se deixa afetar e infetar, pela fragilidade da nossa condição mortal. *Tocar* é aceitar a vulnerabilidade da nossa condição humana: só quem se deixa tocar por dentro, pode hoje e verdadeiramente tocar a carne sofredora de Cristo, no corpo ferido e nas feridas do corpo e da alma dos nossos irmãos! “*De facto, a luz do amor nasce quando somos tocados no coração*” (LF 31). Por isso, para São João, a fé não é apenas uma forma de ver e de escutar, ela implica também tocar a realidade da carne: “*O que ouvimos, o que vimos e as nossas mãos tocaram acerca do Verbo da Vida, é isso que vos anunciamos*” (1 Jo 1, 1). “*Tocar com o coração, isto é acreditar*”, dirá Santo Agostinho.

2. Nesta 5.^a semana da Quaresma, o sentido que nos propomos valorizar é o do tato, o primeiro a aparecer e o último a desaparecer na nossa vida humana. O tato simboliza a proximidade, a compaixão e a experiência da fragilidade, como vias espirituais, para conhecer e tocar de perto a carne sofredora de Cristo, as suas chagas, nas feridas dos nossos irmãos e irmãs. O tato é, sem dúvida, o sentido mais exposto: ele implica proximidade, risco de contágio, contacto com a fragilidade, a doença, a morte. Um cristianismo, sem carne, sem a partilha desta nossa humanidade frágil, um cristianismo sem tato e contacto, sem o toque, sem ternura, tornar-se-ia abstrato, uma gnose, uma ideia apenas. Ora, o tato é o sentido da encarnação real, de compaixão, de misericórdia, de cuidado pelo outro, do amor concreto. Este sentido do tato é, por excelência, o sentido do amor. Onde não há um toque de ternura, de carícia, de cuidado pelo outro, não há amor! «*A ternura é a melhor forma para tocar o que há de frágil em nós*» (Patris corde, 2).

3. Irmãos e irmãs: não evitemos tocar e deixarmo-nos tocar pelas feridas dos irmãos. Jesus quer que toquemos a carne sofredora dos outros e que nos deixemos tocar por dentro, para conhecermos a força revolucionária da ternura (cf. EG 270). Hoje, com as novas tecnologias de comunicação, corremos o risco de preferir o clique ao toque, o dedo às mãos, de preferir relações interpessoais, virtuais, mediadas por sofisticados aparatos, por ecrãs e sistemas, que podemos ligar e desligar à vontade. Ao contrário, o Evangelho convida-nos a abrir as mãos, a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que nos interpela, com os seus sofrimentos e alegrias, permanecendo lado a lado. Nada substitui o toque, a carícia, o abraço, o contacto corpo a corpo. Quando se toca o corpo, é que se toca a alma! “*Na sua encarnação, o Filho de Deus convida-nos à revolução da ternura*” (EG 88). Isto significa abrir as mãos, tocar e deixar-se tocar. Menos relações virtuais e mais proximidade, menos coração artificial, mais revolução da ternura! Dito de modo simples, **menos clique e mais toque**.

Credo dialogado

P. Quando, neste Domingo, nos é proclamada a ressurreição de Lázaro, somos postos diante do último mistério da nossa existência: «*Eu sou a Ressurreição e a Vida... Crês tu nisto?*». Para a comunidade cristã é o momento de depor com sinceridade, juntamente com Marta e Maria, toda a esperança em Jesus: «*Sim, Senhor, eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo*». Vamos também nós professar a nossa fé no Deus da Vida.

P. Credes em Deus Pai, sempre pronto a atender a prece confiante do seu Filho e por Ele a prece de todos os seus filhos?

R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, o Messias e o Filho de Deus, Ressurreição e Vida?

R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, que habita em vós como Senhor que dá a Vida aos vossos corpos mortais?

R. Sim, creio!

P. Credes na Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo?

R. Sim, creio!

P. Credes na ressurreição dos mortos e na vida do mundo que há de vir?

R. Sim, creio!

Oração dos fiéis

P. Na confiança segura de que o Pai sempre nos escuta, elevamos para Ele as nossas mãos abertas,

- 1.** Pela Santa Igreja: para que saiba curar e medicar as feridas da humanidade, antes mesmo de as enfaixar com ternura. Oremos, irmãos.
- 2.** Pela nossa Diocese, a caminho do Sínodo, para que, dócil à vontade de Deus, se renove em missão. Oremos.
- 3.** Pelos que governam: para que assegurem a todos os cidadãos os cuidados de uma saúde integral, para uma vida e uma morte dignas. Oremos, irmãos.
- 4.** Pelas pessoas que estão de luto: para que ponham a sua confiança no poder do amor de Deus, que é sempre mais forte que o pecado e a morte. Oremos, irmãos.
- 5.** Por todos nós aqui presentes: para que saibamos abrir as mãos e os braços, para tocar a carne sofredora de Cristo nos que mais sofrem e precisam de proximidade, ternura, cuidado e compaixão. Oremos, irmãos.

P. Senhor, nosso Deus, que enviastes ao mundo o Vosso Filho, que assumiu e tocou a fragilidade da nossa carne, dai-nos a coragem da proximidade e da ternura; ensinaí-nos a tocar a fragilidade humana e a deixarmo-nos tocar sem medo, para que as nossas mãos sejam abrigo e não defesa. Por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.

LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas | Prefácio próprio do V Domingo da Quaresma A | Santo (cantado) | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão

RITOS FINAIS

Bênção | Despedida

Agenda pastoral Guifões

1. **[Ler só no sábado]:** Este sábado, às 21h00, início da Via Sacra interparoquial, junto ao Lar Canto de Encanto, Início junto ao Lar Canto de Encanto (Guifões) na Av. Dr. Salgado Zenha, n.º 43. Conclusão junto ao nicho da Rua do Senhor (Sra da Hora). Passagem pela Avenida e pela Tv. Dr. Salgado Zenha, Tv. e Rua Passos Manuel, Rua Costa Fontes, Rotunda da Árvore Grossa, Zona do Londres, Rua do Sobreiro, Rua do Senhor.
2. Confissões nas paróquias da Vigararia de Matosinhos, às 16h00 e às 21h30: terça-feira, dia 24, em Leça da Palmeira; quinta-feira, dia 26, no Padrão da Légua; na Paróquia da Senhora da Hora, sexta-feira, dia 27, às 21h30 e sábado, dia 28, às 10h00.
3. Celebrações do Domingo de Ramos: Em Guifões, há uma única celebração, com Missa campal, no Largo da Igreja, às 09h00. Na Senhora da Hora, Missas no sábado, às 15h45; no domingo, às 11h00 e às 19h00.
4. Reunião com Equipas da Visita Pascal: quarta-feira, dia 25 de março, às 21h30, no Salão Paroquial. Pede-se a colaboração alargada de mais

membros, para aumentar o número de equipas. Convidemos boa gente, pessoas bem formadas na fé, com entusiasmo de vida cristã.

5. Dê com alegria. Está em curso a entrega do contributo paroquial anual.

Agenda pastoral Senhora da Hora

1. **[Ler só no sábado]:** Este sábado, às 21h00, início da Via Sacra interparoquial, junto ao Lar Canto de Encanto, Início junto ao Lar Canto de Encanto (Guifões) na Av. Dr. Salgado Zenha, n.º 43. Conclusão junto ao nicho da Rua do Senhor (Sra da Hora). Passagem pela Avenida e pela Tv. Dr. Salgado Zenha, Tv. e Rua Passos Manuel, Rua Costa Fontes, Rotunda da Árvore Grossa, Zona do Londres, Rua do Sobreiro, Rua do Senhor.
2. Confissões nas paróquias da Vigararia de Matosinhos, às 16h00 e às 21h30: terça-feira, dia 24, em Leça da Palmeira; quinta-feira, dia 26, no Padrão da Légua; na nossa Paróquia da Senhora da Hora, sexta-feira, dia 27, às 21h30 e sábado, dia 28, às 10h00.
3. A Expedição 51 do Agrupamento 521 da Senhora da Hora promove o 2.º Concurso de Sopas que terá lugar na Cripta da Igreja, no próximo dia 28 de março, às 19h30. Estão todos convidados a inscrever-se tanto com sopa a concurso, como para provadores das iguarias disponíveis! Para mais informações e inscrições, acedam ao seguinte link: <https://linktr.ee/exploradores.52>
4. Próximo fim de semana, antes e no final das missas, *Mercado das 7 Bocas* promove venda habitual de vasos com flores e peças em gesso perfumado, que podem servir de oferta aos padrinhos.

5. Celebrações do Domingo de Ramos: Em Guifões, há uma única celebração, com Missa campal, no Largo da Igreja, às 09h00. Na Senhora da Hora, Missas no sábado, às 15h45; no domingo, às 11h00 e às 19h00.
6. Reunião com Equipas da Visita Pascal: sábado, dia 28, às 17h00, na Igreja Paroquial. Pede-se a colaboração alargada de mais membros, para aumentar o número de equipas. Convidemos boa gente, pessoas bem formadas na fé, com entusiasmo de vida cristã.
7. Mês de março é o mês “forte”, da 1.^a fase do contributo paroquial. Dê com alegria.

Diácono: Abri as vossas mãos. Menos clique e mais toque. Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

Oração para a bênção da mesa || V Domingo da Quaresma A

Senhor, Tu que aceitaste a hospitalidade
de Marta, Maria e Lázaro,
fica connosco à mesa,
toca-nos com a Tua Palavra e com a Tua presença,
para que também nós toquemos
com ternura, cuidado e compaixão,
os que mais sofrem.

Abre as nossas mãos e faz desta refeição
uma partilha do coração.

Ámen.

HOMILIAS
E TEXTOS PARA O
V DOMINGO DA QUARESMA A

Sugerimos, sobretudo nas Missas com Crianças, a proclamação do Evangelho a vozes. Se houver diácono, este pode assumir a função de Narrador, deixando a voz de Jesus para o Presidente da Celebração. Se não houver diácono, a voz do Narrador é confiada a um leitor. Convém uma voz feminina para as palavras de Maria e Marta.

Narrador (Diácono): Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João.

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Narrador (Diácono): Naquele tempo, estava doente certo homem, Lázaro de Betânia, aldeia de Marta e de Maria, sua irmã. Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com perfume e Lhe tinha enxugado os pés com os cabelos. Era seu irmão Lázaro que estava doente. As irmãs mandaram então dizer a Jesus:

Leitora 1 (Irmãs): «Senhor, o teu amigo está doente».

Narrador (Diácono): Ouvindo isto, Jesus disse:

Presidente (Jesus): «Essa doença não é mortal, mas é para a glória de Deus, para que por ela seja glorificado o Filho do homem».

Narrador (Diácono): Jesus era amigo de Marta, de sua irmã e de Lázaro. Entretanto, depois de ouvir dizer que ele estava doente, ficou ainda dois dias no local onde Se encontrava.

Depois disse aos discípulos:

Presidente (Jesus): «Vamos de novo para a Judeia».

Narrador (Diácono): Os discípulos disseram-Lhe:

Leitor 2 (Discípulos): «Mestre, ainda há pouco os judeus procuravam apedrejar-Te e voltas para lá?».

Narrador (Diácono): Jesus respondeu:

Presidente (Jesus): «Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, se andar de noite, tropeça, porque não tem luz consigo».

Narrador (Diácono): Dito isto, acrescentou:

Presidente (Jesus): «O nosso amigo Lázaro dorme, mas Eu vou despertá-lo».

Narrador (Diácono): Disseram então os discípulos:

Leitor 2 (Discípulos): «Senhor, se dorme, estará salvo».

Narrador (Diácono): Jesus referia-se à morte de Lázaro, mas eles entenderam que falava do sono natural. Disse-lhes então Jesus abertamente:

Presidente (Jesus): «Lázaro morreu; por vossa causa, alegro-Me de não ter estado lá, para que acrediteis. Mas, vamos ter com ele».

Narrador (Diácono): Tomé, chamado Dídimo, disse aos companheiros:

Leitor 2 (Tomé): «Vamos nós também, para morrermos com Ele».

Narrador (Diácono): Ao chegar, Jesus encontrou o amigo sepultado havia quatro dias. Betânia distava de Jerusalém cerca de três quilômetros. Muitos judeus tinham ido visitar Marta e Maria, para lhes apresentar condolências pela morte do irmão. Quando ouviu dizer que Jesus estava a chegar, Marta saiu ao seu encontro, enquanto Maria ficou sentada em casa.

Marta disse a Jesus:

Leitora 1 (Marta): «Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Deus To concederá».

Narrador (Diácono): Disse-lhe Jesus:

Presidente (Jesus): «Teu irmão ressuscitará».

Narrador (Diácono): Marta respondeu:

Leitora 1 (Marta): «Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia».

Narrador (Diácono): Disse-lhe Jesus:

Presidente (Jesus): «Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em Mim, ainda que tenha morrido, viverá; e todo aquele que vive e acredita em Mim, nunca morrerá. Acreditas nisto?».

Narrador (Diácono): Disse-Lhe Marta:

Leitora 1 (Marta): «Acredito, Senhor, que Tu és o Messias, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo».

Narrador (Diácono): Dito isto, retirou-se e foi chamar Maria, a quem disse em segredo:

Leitora 1 (Marta): «O Mestre está ali e manda-te chamar».

Narrador (Diácono): Logo que ouviu isto, Maria levantou-se e foi ter com Jesus. Jesus ainda não tinha chegado à aldeia, mas estava no lugar em que Marta viera ao seu encontro. Então os judeus que estavam com Maria em casa para lhe apresentar condolências, ao verem-na levantar-se e sair rapidamente, seguiram-na, pensando que se dirigia ao túmulo para chorar. Quando chegou aonde estava Jesus, Maria, logo que O viu, caiu-Lhe aos pés e disse-Lhe:

Leitora 1 (Maria): «Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido».

Narrador (Diácono): Jesus, ao vê-la chorar, e vendo chorar também os judeus que vinham com ela, comoveu-Se profundamente e perturbou-Se. Depois perguntou:

Presidente (Jesus): «Onde o pusestes?».

Narrador (Diácono): Responderam-Lhe:

Leitora 1 (Marta e Maria): «Vem ver, Senhor».

Narrador (Diácono): E Jesus chorou.

Diziam então os judeus: Vede como era seu amigo».

Narrador (Diácono): Mas alguns deles observaram: «Então Ele, que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito que este homem não morresse?». Entretanto, Jesus,

intimamente comovido, chegou ao túmulo. Era uma gruta, com uma pedra posta à entrada. Disse Jesus:

Presidente (Jesus): «Tirai a pedra».

Narrador (Diácono): Respondeu Marta, irmã do morto:

Leitora 1 (Marta): «Já cheira mal, Senhor, pois morreu há quatro dias».

Narrador (Diácono): Disse Jesus:

Presidente (Jesus): «Eu não te disse que, se acreditasses, verias a glória de Deus?».

Narrador (Diácono): Tiraram então a pedra. Jesus, levantando os olhos ao Céu, disse:

Presidente (Jesus): «Pai, dou-Te graças por Me teres ouvido. Eu bem sei que sempre Me ouves, mas falei assim por causa da multidão que nos cerca, para acreditarem que Tu Me enviaste».

Narrador (Diácono): Dito isto, bradou com voz forte:

Presidente (Jesus): «Lázaro, **vem** para fora».

Narrador (Diácono): O morto saiu, de mãos e pés enfaixados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhes Jesus:

Presidente (Jesus): «Desligai-o e deixai-o ir».

Narrador (Diácono): Então muitos judeus, que tinham ido visitar Maria, ao verem o que Jesus fizera, acreditaram n'Ele.

Diácono (ou Presidente, se não houver diácono):

Palavra da salvação.

Todos: Glória a Vós, Senhor!

Homilia no V Domingo da Quaresma A 2023

1. A ressurreição de Lázaro é o penúltimo de sete *sinais* realizados por Jesus, no Quarto Evangelho! A mensagem parece clara: a morte não terá mais a última palavra, mas tão só a penúltima palavra. Porque a palavra última, decisiva, definitiva, será a da Ressurreição, a Palavra do Amor de Deus, mais forte do que o pecado e a morte. Assim, a ressurreição de Lázaro não é mais que um prenúncio da Ressurreição de Jesus e uma profecia da nossa Ressurreição em Cristo.

2. Deste longo e tão comovente Evangelho, onde se misturam as lágrimas de Deus e as nossas, onde se fala por cinco vezes da amizade de Jesus, fixemo-nos tão só, em três ordens vitais de Jesus, para sepultarmos o homem velho que há em nós e deixarmos ressurgir o Homem novo, regenerado nas águas do Batismo. São três movimentos, três sinais vitais: **tirai a pedra; vem para fora; desligai-o.**

2.1. Tirai a pedra (Jo 11,39)! Esta ainda não é a grande pedra do sepulcro de Jesus, removida pelo poder de Deus (cf. Jo 20,1). É a pedra dos nossos *sepulcros caiados de branco por fora e cheios de podridão por dentro* (Mt 23,27). *Tirai a pedra*, quer dizer, fazei rolar os penedos que estão à entrada do vosso coração; afastai a memória amarga do mal recebido, que vos encerra nas vossas prisões interiores; removei os destroços de uma vida desfeita que precisa de reconstrução. Por muito pesado que seja o vosso passado, por muito grande que seja o vosso pecado, por muita desonrada que seja a vossa vergonha, tirar a pedra, nunca fecheis a entrada do vosso coração ao Senhor. Ele lava com as suas lágrimas o vosso coração imundo. Por isso, tirai do coração aquela pedra que impede Jesus de entrar. Este é o tempo favorável para remover os nossos pecados, o apego às vaidades mundanas, o orgulho que nos bloqueia a alma, as inimizades entre nós e nas famílias. Há tantas pedras na mão e no sapato! Tirai as pedras de tudo o que cheira a morte: a

hipocrisia com que se vive a fé; a crítica destrutiva dos outros; a ofensa, a calúnia; a marginalização dos pobres. Tirai estas pedras mortais do vosso coração e então a vida nova da ressurreição florescerá já dentro de vós e à vossa volta!

2.2. *Lázaro, vem para fora* (Jo 11,43)! Agora o apelo é muito pessoal: *vem para fora* do teu pequeno mundo, sai da *gaiola dourada* na qual te fechaste, contentando-te com uma vida egoísta, medíocre, acomodada, resignada e confinada aos teus interesses. *Sai* do túmulo de uma vida artificial, de uma tristeza sem esperança. *Vem para fora* da gruta negra dos teus arrependimentos e desilusões; sai de ti mesmo, da tua casa, da tua Igreja, do teu condomínio fechado, para encontrares a vida lá fora: a vida na vida dada aos outros, a vida na vida recebida de outros. *Vem para fora*. Mostra, com a tua vida nova, a transformação que a amizade com Cristo operou em ti! Não apodreças no sepulcro privado do teu espaço fechado! *Vem para fora*, sai para a luz do sol, deixa florescer em ti a primavera da Páscoa.

2.3. *Desligai-o e deixai-o ir* (Jo 11,44)! Esse Lázaro, atado ao seu passado, imobilizado, enfaixado, *morto em pé*, sou eu, és tu. Desliga-te das relações tóxicas que te asfixiam. Desliga-te das redes sociais que te aprisionam. Desata as ligaduras do medo, dos hábitos, dos vícios do passado, que te impedem de andar e de mudar; liberta-te das ataduras das preocupações excessivas que te amarram e bloqueiam. Acredita que Deus pode desfazer os teus nós-cegos. [E se estás de luto e ainda não deixaste partir o teu familiar que morreu, não o prendas a ti, *deixa-o ir*, desata-o da sua morte, deixa-o partir e *subir para o Pai* (cf. Jo 20,17). Faz do amor um lugar em que a própria morte é passagem para uma vida, que nunca mais acabará].

3. Irmão, irmã: tira a pedra que impede Jesus de entrar na tua vida para a fazer nova! *Vem para fora* e mostra ao mundo a força libertadora de Cristo vivo em ti. *Desata as ligaduras* que te prendem e tece apenas laços de amor. *Nós sabemos que passamos da morte à vida porque amamos os irmãos* (1 Jo 3,14)!

Homilia na Missa com a Catequese – 5.º domingo da Quaresma A

1. Há quem diga que «os amigos são para as ocasiões». Mas às vezes acontece de não poderem estar presentes, quando afinal mais falta nos faziam! É o caso relatado pelo Evangelho deste domingo, em que Jesus Se demorou a chegar e encontra o seu amigo Lázaro já morto. Por isso, Marta e Maria dizem: «se aqui estivesse meu irmão não teria morrido»! Elas sabem que a amizade de Jesus não nos deixa morrer para sempre!

2. O Evangelho, de facto, insiste nesta amizade de Jesus por Lázaro, Marta e Maria, que eram irmãos. Recordemos as cinco vezes:

- Marta e Maria dizem a Jesus: «o teu **amigo** está doente»;
- «Jesus era **amigo** de Marta, de sua irmã e de Lázaro»;
- Jesus disse: «o nosso **amigo** Lázaro dorme, mas eu vou despertá-lo»
- «Ao chegar Jesus encontrou o **amigo** sepultado»
- Ao verem Jesus chorar, dizem os judeus: «vede como era **seu amigo**».

3. Fica claro. Jesus é amigo... de Marta, de Maria, de Lázaro, de António, de João, de Teresa e Susana... de cada um de nós. Todavia, esta amizade de Jesus não pode ser, da nossa parte, uma amizade interesseira, útil, para proveito próprio! Se é verdade que «os amigos são para as ocasiões» também é verdade que os verdadeiros amigos, não são «amigos de ocasião», apenas para quando nos dá jeito. São amigos para rirem e chorarem connosco, para partilharem a sua vida connosco.

4. A amizade com Jesus não é, de facto, um seguro contra todos os riscos, muito menos *garantia* de uma vida prolongada ou de uma morte adiada. A amizade com Jesus faz com que Ele partilhe a nossa condição mortal! Ele chora

connosco e reza por nós! Mas a sua amizade faz também com que Ele partilhe connosco a sua ressurreição e a vida eterna. A amizade de Jesus por nós, o seu amor por nós, é sempre mais forte do que a morte!

5. Esta amizade, pela qual nós morremos com Cristo, para ressuscitar com Ele, começa no Batismo. Desde então, somos os amigos de Jesus, e mesmo na morte, Ele estará para nos chamar à vida, com o seu amor!

6. Agora, porque Jesus é teu amigo, também te diz como podes passar da morte à vida:

1. *Tira a pedra* de tudo o que no teu coração impede Jesus de entrar e fazer nova a tua vida! Tira as pedras de tudo o que cheira a morte: a crítica destrutiva dos outros; a ofensa, a calúnia; o desprezo, a marginalização dos pobres. Tira estas pedras mortais do teu coração e então a vida nova da ressurreição florescerá já dentro de ti e à tua volta.

2. *Vem para fora* e mostra ao mundo a força libertadora de Cristo vivo em ti. Mostra como a amizade com Jesus te faz renascer cada dia. Sai do teu mundo, sai de ti ao encontro dos outros.

3. *Desata as ligaduras* que te prendem e tece apenas laços de amor. Desliga-te das redes sociais, das máquinas, que te aprisionam. Leva a vida e a esperança, onde há sofrimento e solidão.

Os amigos são para as ocasiões!

1. Senhor, se aqui estivesse meu irmão não teria morrido (Jo 11,21.32)! Creio que este desabafo – quase uma censura a Jesus, da parte de Marta e de Maria – dá voz às nossas revoltas e protestos, mais ou menos silenciosos, destes últimos dias. Também nós diremos a Jesus, diante do agudo sofrimento provocado por esta pandemia da COVID-19: “Senhor, se Tu estivesse conosco, não morreria esta ou aquela pessoa, não morreriam tantas pessoas”. Marta e Maria dizem-no, hoje, em nossa vez, em nome da profunda amizade de Jesus. Nisto elas tinham toda a razão. Marta e Maria sabiam que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra. Elas sabiam que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa (cf. EG 266). Por isso, voltam-se para Jesus, como seu refúgio e sua esperança. Estas santas mulheres sabem, por intuição feminina, que dizer a alguém «eu amo-te», é dizer-lhe “*tu não morrerás*” e por isso sustentam toda a sua esperança a partir desse amor de Jesus por Lázaro. Não por acaso, é nestes precisos termos que chega a Jesus a notícia da situação crítica do amigo Lázaro: “Senhor, *aquele Tu amas, está doente*” (Jo 11,3). Jesus tinha ali, portanto, um amigo em risco de vida, um amigo que viria então a morrer. Trata-se de um amigo, vindo de uma família amiga, de uma família que hospedava Jesus. Todavia – vede bem – esta amizade de Jesus por Lázaro, Marta e Maria, não é “*um seguro de vida*”, nem “*um seguro contra todos os riscos*”. Os amigos de Jesus não estão imunes ao sofrimento e à morte! Aliás, nem o próprio Jesus será poupado à morte. Depois deste sinal da ressurreição de Lázaro, o evangelista diz que o Conselho dos Sumo-Sacerdotes decidiu dar a morte a Jesus (cf. Jo 11,45-57), morte a que também Jesus não será poupado.

2. Senhor, se aqui estivesse meu irmão não teria morrido (Jo 11,21.32)! Marta e Maria esperavam que Jesus, por ser tão amigo de Lázaro, pudesse chegar a tempo de

evitar a morte e têm confiança de que ainda é possível reverter a situação, pela sua intercessão, junto do Pai. Mas, na verdade, Jesus promete a Marta muito mais do que aquilo que ela Lhe está a sugerir e a pedir. Jesus não vem a este mundo para prolongar a nossa vida ou para adiar a nossa morte. Jesus vem para dar a Sua Vida, para nos tornar participantes da vida nova da Ressurreição, para nos dar uma vida que não acaba na morte, mas que seja, desde já, uma vida em abundância (cf. Jo 10,10). A promessa e a esperança que Jesus dá aos seus amigos não é, portanto, a de os poupar à morte. É a certeza de a todos fazer ressuscitar, para uma vida, que não mais acabará.

3. Senhor, se aqui estivesse meu irmão não teria morrido (Jo 11,21.32)! Jesus promete a Ressurreição, a quem n'Ele crê. Isto não é uma teoria, uma ilusão, uma anestesia para doce consolação! Jesus demonstra-o, em carne e osso: suspira profundamente, comove-se, chora, aproxima-se de Lázaro morto, reza ao Pai para que O atenda nessa Hora e dá um grito, uma ordem de saída: “Lázaro, *vem para fora*” (Jo 11,43). Este é um modo humano e divino de Jesus nos dizer e nos mostrar que também Ele sofre e morre connosco, também Ele sofre e morre como nós e por nós. Mas Ele assegura-nos a palavra-chave da esperança: “*Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem vive e crê em mim nunca mais morrerá*” (Jo 11, 24-25). Nós sabemos que essa Palavra de Jesus se cumprirá, por inteiro, na manhã de Páscoa. Então, sim, Ele que morreu por nós, ressuscitará, para nos fazer ressuscitar a todos com Ele.

4. Senhor, se aqui estivesse meu irmão não teria morrido (Jo 11,21.32)! Queridos irmãos e irmãs: é de morte e ressurreição, que nos fala este último sinal, realizado por Jesus antes de morrer: é já um anúncio e um prenúncio da sua própria morte e Ressurreição. Este sinal mostra-nos algo de belo e esperançoso: ali, onde se chora a morte, também floresce a vida.

Estes dias tão difíceis oferecem-nos a mesma certeza: apesar das lágrimas, a vida triunfa da morte! Vemo-los em tantas pessoas que, no medo, reagiram oferecendo a vida: no padre italiano que cedeu o seu ventilador e morreu para salvar uma vida mais jovem; vemo-lo nos inúmeros médicos, enfermeiros, trabalhadores de supermercado, pessoal de limpeza, transportadores, forças de segurança; vemo-lo na generosidade dos voluntários, que dão o corpo às balas e arriscam a vida, na luta contra este maldito vírus. Vemo-lo na conversão de tantas pessoas, que despertaram para um novo modo de ver e de viver a vida.

5. Esta é a força da Ressurreição que emerge dos escombros da morte (cf. EG 276). É uma força sem igual. Estas pequenas flores de esperança, que crescem nas asperezas do caminho, são um sinal primaveril e a promessa de uma Páscoa, que não nos será tirada. “Porque, com Deus a vida nunca morre” (Papa Francisco, Meditação, 27.03.2020).

HOMILIA DO SANTO PADRE

V Domingo de Quaresma, 2 de abril de 2017

As Leituras de hoje falam-nos do Deus da vida, que vence a morte. Analisemos em particular o último dos sinais milagrosos que Jesus realiza antes da sua Páscoa, no sepulcro do seu amigo Lázaro.

Ali tudo parece ter acabado: o túmulo está fechado com uma grande pedra; em volta, unicamente pranto e desespero. Também Jesus está abalado pelo mistério dramático da perda de uma pessoa querida: «Comoveu-se profundamente» e ficou «muito perturbado» (Jo 11, 33). Depois «desatou a chorar» (v. 35) e foi ao sepulcro, diz o Evangelho, «mais uma vez profundamente comovido» (v. 38). É assim o coração de Deus: distante do mal mas próximo de quem sofre; não faz desaparecer o mal magicamente, mas compadece-se com o sofrimento, o faz seu e o transforma habitando nele.

Contudo observamos que, no meio da desolação geral pela morte de Lázaro, Jesus não se deixa levar pelo desânimo. Mesmo sofrendo Ele também, pede que se creia firmemente; não se fecha no choro, mas, comovido, põe-se a caminho do sepulcro. Não se deixa capturar pelo ambiente emotivo e resignado que o circunda, mas reza com confiança e diz: «Pai, dou-te graças» (v. 41). Assim, no mistério do sofrimento, face ao qual o pensamento e o progresso colidem como as moscas contra o vidro, Jesus oferece o exemplo de como nos devemos comportar: não evita o sofrimento, que faz parte desta vida, mas também não se deixa aprisionar pelo pessimismo.

Em volta deste sepulcro, acontece, portanto, um grande *encontro-desencontro*. Por um lado, há a grande *desilusão*, a precariedade da nossa vida mortal que,

atravessada pela angústia e pela morte, experimenta com frequência a derrota, uma obscuridade interior que parece insuperável. A nossa alma, criada para a vida, sofre sentindo que a sua sede de bem eterno é oprimida por um mal antigo e obscuro. Por um lado há esta derrota do sepulcro.

Mas *por outro há a esperança* que vence a morte e o mal e tem um nome: a esperança chama-se Jesus. Ele não leva um pouco de bem-estar ou algum remédio para prolongar a vida, mas proclama: «*Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá*» (v. 25). Por isso diz decididamente: «*Tirai a pedra!*» (v. 39) e clamou a Lázaro com grande voz: «*Sai!*» (v. 43).

Remover a pedra

Amados irmãos e irmãs, também nós somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar ***do lado do sepulcro ou do lado de Jesus***. Há quem se deixa dominar pela tristeza e quem se abre à esperança. Há quem permanece vítima dos destroços da vida e quem, como vós, com a ajuda de Deus, ***remove os destroços e reconstrói com esperança paciente***.

Face aos grandes «porquês» da vida temos dois percursos: ficar a olhar melancolicamente para os sepulcros de ontem e de hoje, ou deixar que Jesus se aproxime dos nossos sepulcros. Sim, porque cada um de nós já tem um pequeno sepulcro, alguma parte um pouco morta dentro do coração: uma ferida, uma injustiça suportada ou cometida, um rancor que não dá trégua, um remorso que vai e volta, um pecado que não se consegue superar. Encontremos hoje estes nossos pequenos sepulcros que temos dentro e convidemos *para ali* Jesus. É estranho, mas muitas vezes preferimos estar sozinhos nas grutas escuras que temos dentro, em vez de convidar para lá Jesus; somos tentados a procurar

sempre a nós próprios, cismando e caindo na angústia, lambendo as nossas chagas, em vez de ir ter com Ele, que diz: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei» (Mt 11, 28). Não nos deixemos aprisionar pela tentação de permanecer sozinhos e sem confiança a chorar pelo que nos acontece; não cedamos à lógica inútil e inconcludente do medo, a repetir resignados que tudo corre mal e nada é como outrora. Esta é *a atmosfera do sepulcro*;

Vem para fora

Ao contrário, o Senhor deseja abrir o caminho da vida, do encontro com Ele, da confiança n'Ele, da *ressurreição* do coração, o caminho do «Levanta-te! Levanta-te, sai!». Eis o que nos pede o Senhor, e Ele está ao nosso lado para o fazer.

Sentimos então dirigidas a cada um de nós as palavras de Jesus a Lázaro: «Sai!»; sai do engarrafamento da tristeza sem esperança;

Libertai-o

Desata as ligaduras do medo que impedem o caminho; aos laços das debilidades e das preocupações que te bloqueiam, repete que Deus desfaz os nós. Seguindo Jesus aprendamos a não atar as nossas vidas em volta dos problemas que se emaranham: haverá sempre problemas, sempre, e quando resolvemos um, imediatamente chega outro. Mas podemos encontrar *uma nova estabilidade*, e esta estabilidade é precisamente Jesus, esta estabilidade chama-se Jesus, que é a ressurreição e a vida: com ele a glória habita o coração, a esperança renasce, o sofrimento transforma-se em paz, o temor em confiança, a provação em oferta de amor. E mesmo se os pesos não faltarão, haverá sempre a sua mão que alivia, a

sua Palavra que encoraja e diz a todos nós, a cada um de nós: «Sai! Vem a mim!». Diz a todos nós: «Não tenhais medo».

Tirai a pedra

Também a nós, hoje como naquela época, Jesus diz: «Tirai a pedra!». Por muito pesado que seja o passado, grande o pecado, muita a vergonha, nunca fechemos a entrada ao Senhor. Tiremos diante dele aquela pedra que impede que Ele entre: este é o tempo favorável para remover os nossos pecados, o nosso apego às vaidades mundanas, o orgulho que nos bloqueia a alma, tantas inimizades entre nós, nas famílias... Este é o momento favorável para remover todas estas coisas.

Visitados e libertados por Jesus, peçamos a graça de ser *testemunhas de vida* neste mundo que dela está sedento, testemunhas que suscitam e ressuscitam a esperança de Deus nos corações cansados e oprimidos pela tristeza. O nosso anúncio é a alegria do Senhor vivo, que ainda hoje diz, como a Ezequiel: «Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó meu povo» (Ez 37, 12).

HOMILIA NO V DOMINGO DA QUARESMA A 2017

1. *Lázaro, Ramos, na Páscoa estamos!* E aquela vida breve que Jesus restitui ao seu amigo Lázaro é apenas um sinal, o sexto de vários sinais realizados por Jesus, do qual o sinal maior será a sua própria ressurreição! Bem vistas as coisas, passados dois dias de saber da triste notícia (Jo 11,6), é ao «terceiro dia» que Jesus Se dirige para a Judeia. Depois, a pedra aqui mandada retirar por mãos humanas (Jo 11,41) e o rosto de Lázaro envolto num sudário, que ainda o prende (Jo 11,44) remetem-nos já para a ressurreição de Jesus, na manhã de Páscoa. Mas aí a pedra aparecerá retirada por mãos divinas (Jo 20,1) e o sudário, cuidadosamente enrolado (Jo 20,6-7) já não o prenderá jamais! Portanto, e literalmente, com “*Lázaro, Ramos, na Páscoa estamos*”!

2. Depois do encontro com a samaritana e o cego de nascença, este é, na verdade, o mais dramático de todos, porque Jesus não só lava e purifica do pecado, não só recia e ilumina a vida, como liberta e regenera do abismo da morte. Deste modo somos reconduzidos à experiência original do nosso Batismo, pelo qual “*morremos com Cristo. Com Ele fomos sepultados, para vivermos uma vida nova*” (Rm 6,3-4; cf. Ef 2,5-6; cf. Col 2,12-13)! E por isso, o desafio fundamental do Evangelho é feito por Dídimo: seguirmos Jesus, «*para morrer com Ele*», isto, é, para viver com Ele a sua morte! Como quem diz: *Amigos até à morte. Amigos na morte. Amigos para sempre... e para além da morte.*

3. O Evangelho acentua, de facto, e por cinco vezes, esta relação de amizade de Jesus por Lázaro e pelas suas irmãs: «*Vede como era seu amigo*» (Jo 11,36) mas, ao mesmo tempo, desenvolve o diálogo orante de Jesus com o Pai: «*Pai, dou-Te graças por Me teres atendido*» (Jo 11,41). Pelo que, nesta semana, somos desafiados a valorizar a **ORAÇÃO**, como um “*tratar de AMIZADE com Aquele que sabemos que*

nos ama” (Santa Teresa de Jesus, *Livro da Vida*, 8,5). Esse é também o desafio do Papa na sua Mensagem para a Quaresma: *“Não se contentar com uma vida medíocre, mas crescer na amizade do Senhor. Jesus é o amigo fiel que nunca nos abandona”*.

4. Esta amizade com Cristo cresce assim na frequência e na intimidade da oração. Não estranhemos, por isso, que o apelo à oração seja comum a todas as aparições, em Fátima, de maio a outubro de 1917. Porquê? Porque *“sem oração não há conversão. Sem conversão não há mudança de vida. Sem mudança de vida não há paz. O mundo novo começa quando o homem se abre a Deus, em oração e adoração”* (PDP 2016/2017, p. 28). *“Em Fátima ouvimos falar de coisas escondidas – conversão, oração, penitência – que parecem não ter nenhuma importância política, mas são coisas decisivas, são as formas renovadoras do mundo”* (Cardeal Ratzinger). O apelo da Virgem de Fátima aos pastorinhos é constante nas aparições: *«Orai, orai muito»*.

5. Rezemos mais, rezemos muito, rezemos melhor, para que cresça a nossa amizade com Cristo e se renove o amor entre nós. E rezemos, com coração de filhos, a oração do Pai-Nosso, que é entregue a quantos se querem tornar discípulos do Senhor, que com Ele dão graças ao Pai.

HOMILIA NO V DOMINGO DA QUARESMA A 2014

Vir à fonte. Ir em frente! Continuamos, no nosso caminho para a Páscoa, a fazer pulsar o coração da fé, com estes dois movimentos vitais!

VIR À FONTE!

Vir à fonte. Mas, a qual fonte, desta vez? À mesma fonte da samaritana, junto ao poço de Jacob! À mesma fonte do cego, enviado à piscina de Siloé. Trata-se de vir à **fonte das lágrimas**, que vertem dos olhos deste Jesus, que chora com as irmãs a morte de Lázaro, de quem era tão amigo. As lágrimas de Jesus são choro, oração, protesto silencioso, que retira à morte a última palavra sobre a vida! Ali o Amor faz-se lágrima, presença, palavra de vida, íntima esperança de ressurreição. E quando Deus chora, quando o Criador chora a criatura, então Deus declara a força invencível do amor, mais forte do que a morte: os amigos não podem morrer, para sempre. “*O amor não acaba nunca*” (I Cor.13,8)! Para esta fonte das lágrimas, que é Cristo, perturbado, íntima e profundamente comovido, correm e acorrem Marta e Maria. Quando ouviu dizer que Jesus estava a chegar, “*Marta saiu ao seu encontro*” (Jo 11,20), como quem procura em Jesus, uma fonte de consolação, para chorar a morte do irmão. E também Maria, à chamada de Jesus, “*levanta-se e sai rapidamente*” (Jo 11,29), não em direção ao túmulo, mas ao encontro de Cristo, *fonte da vida*, como quem procura, nas mãos de Jesus, um fio de água, uma nova esperança, um sentido para a vida! E, neste encontro, com a fonte, que é Cristo, Marta recebe, de presente, e no presente, o dom do futuro! E Maria verá a força da Palavra de Cristo, que chama à vida, a essa Vida prometida e garantida, na Ressurreição de Jesus.

IR EM FRENTE!

Ir em frente é a palavra de ordem, de Jesus, ao bradar com voz forte: «*Lázaro, vem para fora*»!

«Lázaro, vem para fora» é o brado de Jesus, que parece ressoar, em toda a Igreja, desafiada a «sair» (EG 24), *“para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo”* (EG 49), sobretudo *“aos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”* (EG 49). Queremos uma Igreja «em saída», voltada para fora! Para que não lhe aconteça de se tornar uma Igreja «de saída», porque fora da cena deste mundo!

«Lázaro, vem para fora» é o brado de Jesus, nesta comunidade, desafiada a «sair da sua toca», a vencer a *“sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados, com cara de vinagre”* (EG 85). *“Sonho – diz o Papa - com uma opção missionária, capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura da Igreja se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual, do que à sua mera conservação”*. Isso exige que *“os agentes pastorais se coloquem em atitude constante de «saída»”* de modo que a Igreja *“favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade”* (EG 27).

«Lázaro, vem para fora» é o brado de Jesus, que, nesta semana, nos chama, particularmente, a sair ao encontro dos doentes, dos que estão de luto, a enxugar as lágrimas, dos que perderam a esperança!

«Lázaro, vem para fora» é o brado de Jesus, a todos nós, lavados nas águas do batismo, para nos deixarmos lavar, na fonte das lágrimas, da Confissão. Confessar-se é uma oportunidade, para *“deitar para fora”* o que nos apodrece, o que nos ata e o que nos mata, por dentro! Façamo-lo, removendo a pedra do pecado, que nos pesa. Para que, sem amarras, possamos, como Lázaro, *sair, vir para fora, e ir em frente!*

HOMILIA NA MISSA COM A CATEQUESE – 5.º DOMINGO DA QUARESMA A 2014

Vir à fonte. Ir em frente! Continuamos, no nosso caminho para a Páscoa, a fazer pulsar o coração da fé, com estes dois movimentos vitais!

1. *Vir à fonte.*

Mas, a qual fonte, desta vez? À mesma fonte da samaritana, junto ao poço de Jacob! À mesma fonte do cego, enviado à piscina de Siloé. Já sabemos todos que, afinal, a fonte de água viva, a fonte de toda a luz, e agora a fonte de toda a Vida verdadeira é o próprio Jesus! Esta fonte nunca seca, nunca se apaga, nunca morre!

1.1. Marta e Maria correm e acorrem a esta fonte; diríamos que vão à fonte das lágrimas, que vertem dos olhos de Jesus, que chora, com elas, a morte de Lázaro, de quem era tão amigo! Na verdade, *nós podemos até esquecer um amigo, com quem rimos. Mas nunca esqueceremos um amigo com quem chorámos.* Jesus chora, com quem chora. E este choro leva outros a dizer: «*vede como era seu amigo*». Jesus parece estar ali, junto do seu amigo, e mostra-nos que amar alguém é dizer-lhe: «*tu nunca morrerás*», porque o amor é sempre mais forte do que a morte. E, de facto, vemos que, do seu coração, comovido, jorra uma fonte inesgotável, de vida e de amizade: uma vida e uma amizade que não acabam, nem sequer com a morte. Vede: a amizade de Jesus por nós não acaba nunca!

1.2. Mas é uma amizade, que precisa de ser cultivada, de ser saboreada, à mesa da Eucaristia, com Jesus. É preciso regressar continuamente à casa do amigo ou recebê-lo em nossa casa. Diz o Evangelho, que Jesus regressou a casa de Lázaro e das suas irmãs, para lá jantar (cf. Jo.12,1-3). Na verdade, é preciso vir a esta mesa, todos os domingos, para saborearmos a amizade com Jesus. A amizade é

alimentada por múltiplos encontros e regressos. Vinde a esta fonte, a esta mesa, da Eucaristia. E levai daqui Cristo, para vossa casa! Que Ele tenha lugar à vossa mesa e esteja presente, desde o adormecer ao acordar!

2. Ir em frente

Por isso, quem vem à fonte, quem vem a este encontro com Jesus, não pode ficar aqui, fechado. A ordem de Jesus é clara. Ela brada com voz forte: «Lázaro, sai, para fora»!

2.1. «Lázaro, vem para fora» é o brado de Jesus, que parece ressoar, em toda a Igreja, desafiada a «sair» (EG 24), “*para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo*” (EG 49), sobretudo “*aos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo*” (EG 49)! Nesta semana, devemos sair ao encontro dos doentes, dos que estão de luto, para consolar, para enxugar as lágrimas, dos que perderam a esperança!

2.2. «Lázaro, vem para fora» é o brado de Jesus, a todos nós, lavados nas águas do batismo, para nos deixarmos lavar, na fonte das lágrimas, da *Confissão*. Confessar-se é uma oportunidade, para reatar a amizade com Jesus, para “desabafar” e “deitar para fora” o que nos apodrece, o que nos ata e o que nos mata, por dentro! Façamo-lo, removendo, do coração, a pedra do pecado, que ainda nos pesa.

Que nada nos prenda, que nenhuma *ligadura* nos prenda as mãos para consolar ou os pés, para vir à fonte e ir em frente! “*Ao lado do teu amigo, nenhum caminho será longo*” (Provérbio japonês).

Homilia no V Domingo da Quaresma A 2011

1. *“Os amigos são para as ocasiões”!* Assim devem ter pensado Marta e Maria, que não poupam Jesus, a um desabafo de protesto, uma espécie de emoção de censura: *«se aqui estivesse meu irmão não teria morrido»!* A amizade de Jesus não é, de facto, um seguro contra todos os riscos, muito menos *“título de garantia”* de uma vida prolongada. Marta, ainda assim, corrige o seu tiro desesperado, com um ato de confiança: *“Mas sei que mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Ele To concederá”*. Jesus acrescenta-lhe então a Promessa: *«Teu irmão ressuscitará»*. Marta concorda, mas tem pena que demore tanto e parece-lhe tão pouco! Porque isso - pensa ela - será *«no último dia»*. Jesus confirma-lhe que esta Promessa de futuro é já presente. E que a Vida futura que Jesus lhe dá é muito mais do que a vida passada, que ela chora. Marta queria apenas um *«pontapé na morte»*, uma vida prolongada, uma morte adiada. E Jesus comunica-lhe uma vida eterna, que vence a morte de uma assentada: *«Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem acredita em mim, ainda que tenha morrido viverá e todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá jamais»*. A vida, que é o próprio Jesus, não pode ser interrompida por nenhum acontecimento, porque é vida para sempre. Aquele que acredita em Jesus e O acolhe, recebe esta Vida, que nada e ninguém poderá destruir. E esta vida nova começa já a manifestar-se naquele que crê, para um dia atingir a sua plenitude. *«Crês nisto?»*, pergunta Jesus? Porque só a fé mata a sede, só a fé ilumina e só a fé dá Vida à vida! *«Privado da luz da fé, todo a vida do homem e todo o universo acaba por se fechar num sepulcro sem futuro, sem esperança»* (cf. Bento XVI, MPQ2011,2.5).

2. Por isso, Jesus avança para o túmulo, para remover a pedra. Marta parece voltar atrás na fé. Mas Jesus sabe que é ouvido pelo Pai e grita por Lázaro: *«Lázaro, vem para fora»*. *“E o morto saiu, de mãos e pés enfaixados, com*

ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhes Jesus: «deixai-o ir». Nada pode deter esta vida nova. Doravante, *«a comunhão com Cristo nesta vida prepara-nos para superar o limite da morte, para viver sem fim n’Ele»* (cf. Bento XVI, MPQ2011,2.5).

3. De cajado na mão, sabemos todos que o caminho de cada um de nós, conduzir-nos-á, *“mais dia menos dia”*, inevitavelmente, às ravinas tenebrosas da morte, onde já ninguém mais pode acompanhar-nos! Mas mesmo aí, no último transe, Ele estará connosco. E por isso, diz o salmista *«não temerei nenhum mal»* (Sal 23 [22], 1.4). Vede bem: O verdadeiro Pastor *«é Aquele que também conhece o caminho, que passa pelo vale da morte; Aquele que, mesmo na estrada da derradeira solidão, onde ninguém me pode acompanhar, caminha comigo servindo-me de guia ao atravessá-la: Ele próprio percorreu esta estrada, desceu ao reino da morte, venceu-a e voltou para nos acompanhar a nós agora e nos dar a certeza de que, juntamente com Ele, acha-se uma passagem»* (Bento XVI, Spe Salvo, 6)! Somos os amigos de Jesus, e mesmo na morte, Ele estará para nos chamar à vida, com o seu amor!

4. Queridos irmãos e irmãs: Depois da água e da luz, o evangelho deste domingo reconduz-nos ao mistério pascal do nosso Batismo. De facto, uma vez *“sepultados com Cristo no Batismo, também com Ele fomos ressuscitados”*! (cf. Col.2,12). Por outras palavras, *“através do lavacro da água, somos inseridos na própria vida de Jesus, que morreu na cruz, para nos libertar do pecado e, ressuscitando, venceu a morte. Por isso, mergulhados na sua morte e ressurreição, somos libertados do pecado e, em nós, tem início a própria vida de Cristo ressuscitado”* (Bento XVI). No Batismo, nós passamos da morte para a vida,

tornando-nos capazes de fazer morrer em nós o homem velho, para viver do Espírito de Cristo Ressuscitado!

5. Já na reta final desta Quaresma, é importante que cada um se coloque, como pobre mortal, diante de Cristo, e corresponda ao seu desafio provocador: *«vem para fora do teu túmulo»*, onde tantas vezes apodrece a tua vida: o egoísmo, a rotina, a autossuficiência, o comodismo, a resignação, o desânimo... É destes “túmulos” que Jesus te quer tirar! Por isso, mais uma vez, vem ao teu encontro, para te dar a Vida. Porque pior do que vires a morrer um dia, é estares já morto nesse dia. Sebastião da Gama disse-o de maneira tão bela, num conhecido poema:

*“Que a Morte, quando vier,
não venha matar um morto.
Quero morrer em pujança.
Quero que todos lamentem
a ceifa de uma esperança!”*

Homília no V Domingo da Quaresma 2008

Toco sempre, com respeito sagrado, este drama humano da doença e da morte. Basta que estas “duas irmãs”, a doença e a morte, entrem pela nossa casa dentro, para percebermos o risco, a inutilidade e até a ofensa de certas palavras e atitudes, no trato com os que mais sofrem. Prefiro, como Jesus, a comoção das lágrimas e a proximidade do amor. Se hoje tenho de dizer alguma coisa, seria para estabelecer uma espécie de diálogo pessoal e amigo, com os doentes, mas que servirá de ajuda a todos os que deles cuidam. Vou arriscar, contigo, meu bom amigo, que estás doente, (no corpo, no espírito, no coração, na mente), dez palavras de sentido, que antes de te ajudarem a ti, me comprometem a mim:

1.º. Escolhe, em primeiro lugar, como companheiro insubstituível da tua dor, Cristo Crucificado, que porventura trazes ao peito, ou tens à cabeceira do teu quarto. Ele veio a este mundo, padeceu e compadeceu-se de Ti. Vê que tens assim um valor tão grande, aos olhos de Deus! Ele mesmo Se fez Homem, para poder padecer contigo, de modo muito real, na carne e no sangue, como se tornou bem claro na Paixão de Jesus.

2.º. Aceita a companhia de Cristo e torna-te seu companheiro. Se te consideras um dos amigos de Jesus, como Lázaro, não estranhes, teres sido chamado, agora, a participar, pela tua dor, na Sua dor. Na hora da agonia, sentindo a fraqueza da carne, Jesus chamou, para junto de si, os mais íntimos amigos, que viriam a dar a vida por Ele. Por isso, não queiras que tua amizade com Jesus funcione como uma espécie de “seguro de saúde” ou se transforme num “seguro de vida, contra todos os riscos”.

3.º. Procura e acolhe, como Jesus, e de bom grado, o apoio da família, dos amigos, da sociedade e da comunidade cristã, que devem mobilizar todos os recursos para te acompanhar, com o tratamento e a presença, a visita e a ajuda, a oração e o sacramento da Unção dos Doentes. De facto, todo o Corpo da Igreja sofre quando

um membro sofre. Não te marginalizes na dor e - queira Deus - não te escondam nunca, ao olhar dos outros. Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a compaixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido, é *uma sociedade cruel e desumana*. A tua doença é um apelo radical ao melhor da humanidade, na sua capacidade de compaixão e na proximidade do amor.

4.º Não tenhas medo de exprimir os teus sentimentos, porventura, de revolta, de culpa, de medo, ou de conflito! Podes mesmo chorar. Também Jesus chorou, diante do amigo Lázaro, morto. Ele chora, por compaixão amorosa com a tua dor. Chora contigo. São lágrimas de fraternidade, vertidas da miséria da nossa condição e da abundância da misericórdia do seu coração. Ele está perto dos corações atribulados!

5.º Transforma o teu grito de dor, em oração de súplica, de confiança e de ação de graças... como Jesus, que rezava e se confiava a Deus... E não acuses Deus, que é teu aliado, pondo-o no banco dos réus! Lembra-te que Deus não é um observador distante da tua dor. Ele não intervirá nunca, a partir de fora, e não Te responderá verbalmente, mas está presente, a partir do teu interior e, de modos diferentes e misteriosos, ajudar-te-á a enfrentar a dor. A sua graça acompanha e supera toda a desgraça.

6.º Não te culpes, na dor, a ti ou aos outros. Procura, antes e, tanto quanto possível, ver até onde a dor te pode levar?! Em vez de perguntares “porquê a mim?”, interroga-te: “que posso eu fazer com tudo isto que me aconteceu”? Em vez de mergulhares no passado, podes dar um contributo para o futuro. Nem imaginas quanto bem podes fazer com o sofrimento!

7.º Faz tudo por superar o teu sofrimento e o dos outros, mas eliminá-lo completamente não entra nas tuas possibilidades, pois estarás sempre neste mundo, como criatura, com os seus limites. A doença e a morte são os sinais mais evidentes da tua finitude humana. Também Ele convive serenamente com os

limites deste mundo criado por Ele, e que geme (Rm 8,22) tantas vezes, ameaçado e destruído por nós.

8.º Aceita, por isso, a imperfeição da tua natureza humana. E encontrarás coragem, para amar o mundo, com as suas imperfeições, para amar a irmã natureza, com as suas fraquezas, e para amar a irmã morte com as suas partidas. Não se pode nascer, crescer e viver, sem sofrer e morrer. Feitas assim as Pazes com a tua natureza humana débil, orienta o teu corpo e alma, para o céu, para essa vida nova e plena da ressurreição.

9.º Não queiras encontrar respostas claras, para o “*paradoxo da cruz*” em que o único Justo, suportou, sobre si, as nossas culpas e enfermidades. Abre humildemente o teu coração ao mistério do sofrimento. Mesmo que encontrasses uma resposta, ela não eliminaria a tua dor.

10.º A única resposta cristã à dor é o amor. A “*ressurreição de Lázaro*” foi apenas o sinal, o início e o indício da Ressurreição de Jesus, pela qual Deus se mostrou amigo dos homens e o seu Amor se mostrou mais forte do que a morte. Doravante, o sofrimento tornou-se lugar de aprendizagem da esperança na vida eterna!

Meu caro doente: perdoa-me o atrevimento de tanto mandamento! Meus caros irmãos: consolai-vos uns aos outros, com estas palavras!

Homilia no Domingo de Lázaro | Centro Pastoral – São Lázaro

Dia Paroquial do Doente 2004

1. Dão notícia a Jesus de que **o seu amigo está doente**. Como vedes os amigos de Jesus também adoecem. Os amigos de Jesus também sofrem. Quem sofre, não é necessariamente alguém que foi castigado, por não ser... ou por não ter sido amigo de Jesus. Às vezes pensamos: «**que mal fiz eu a Deus**»? De facto, não sofremos por causa disso. Pelo contrário, os amigos de Jesus sofrem às vezes ainda mais, porque são mais parecidos com Jesus e, como ele, sofrem muito. Mas não sofrem sozinhos. Esta é a diferença. Jesus está sempre com os seus amigos. Mesmo que às vezes pareça demorar a responder. Ele ouviu a notícia da doença de Lázaro e «*ainda ficou por lá dois dias*». Jesus não nos perde de vista. Mesmo que nós não o vejamos por perto!
2. Várias vezes o evangelho insiste nesta amizade. «*O teu amigo está doente*». «Jesus era amigo de Marta, de sua irmã e de Lázaro». E quando veem Jesus a chorar, comentam outros «vede como era seu amigo». Pensai que **sois os amigos especiais de Jesus**. Que a vossa doença não é mortal. Isto é, não vos mata para sempre. Pelo contrário, a doença pode ser uma oportunidade para se revelar a glória de Deus. Isto é, para se espelhar o seu amor. Olhando para um doente, vemos melhor Cristo Crucificado. A entrega, a paciência, o amor de um doente, revela-nos algo do amor de Deus. O cuidado pelos doentes é uma manifestação muito bela desse amor.
3. Às vezes, nós contávamos que Jesus nos curasse a todos. «*Ele que abriu os olhos ao cego não podia ter feito que este homem não morresse*»? Diziam alguns. Mas de facto Jesus não curou da doença todas as pessoas. Ele curou alguns, como «**sinal**» de que todos nós somos chamados a ajudar o curar os

outros. Ele curou alguns como «**sinal**» da predileção que os doentes devem merecem da parte de Deus e devem merecer da parte dos outros. Como «**sinal**» de que o doente não é mais nem menos pecador que os outros: «a doença não é mortal»...

4. Nós rezamos, pedimos ao Senhor que nos ajude, que nos cure. E às vezes queixamo-nos que Ele não nos ouve! Jesus, pelo contrário diz: «Pai, eu te dou graças, por me teres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves». Simplesmente **Deus ouve-nos, para nos dar mais do que aquilo que lhe pedimos**. Que pedia Marta a Jesus? Que Ele adiasse a morte do seu irmão! Que lhe deu Jesus? A vida e a promessa da vida eterna. Quando pedimos a Deus que nos cure, ele ouve para nos dar o que mais precisamos. Que será mais importante, «estar curado» ou «estar salvo»? Que importa morrer curado e não ser salvo?! Jesus quer-nos sãos e salvos. Quer-nos vivos e dá-nos uma vida que não acaba.
5. O Sacramento da «**Unção dos Doentes**» é um sinal da amizade de Jesus por nós, sobretudo quando a doença ou a velhice ameaçam a nossa vida presente e nos dão um primeiro sinal de partida. Neste Sacramento, a Igreja oferece-nos um sinal da proximidade de Jesus connosco. Por este sacramento, recebemos a força de ir adiante, a consolação e a força para enfrentar cada dia da nossa vida. Por este Sacramento identificamo-nos com Cristo, o Servo Sofredor. Por este Sacramento, Jesus Crucificado identifica-se connosco. Sofremos com Ele. Ele sofre connosco. E, nesta amizade, Ele dá-nos a mão e faz-nos renascer e ressuscitar, dizendo-nos «*sai para fora*». Não fiques preso à tua dor, ao teu sofrimento. Olha o mundo que é tão belo. Sorri para Ele. Acredita que eu choro a tua dor, mas sorri sempre para ti, com a graça do meu especial amor.

Homilia no V Domingo da Quaresma A 2005

«Se estivesses aqui, meu irmão, não teria morrido»

(Jo 11,21.32!)

1. Um desabafo e uma censura declarados, da parte de quem esperava mais de Jesus, conhecido por ser *tão amigo* de Lázaro! Como quem, lá no fundo, em surdina, vai remoendo: «*ele que abriu os olhos ao cego, não podia ter feito que este homem não morresse*»? (Jo 11,37) As perguntas de protesto e de lamento, diante da doença e da morte, não encontram nunca uma resposta imediata, na boca de Jesus. Aliás o Amigo parece não se afligir muito, com a notícia da doença *mortal* de Lázaro, ao demorar-se ainda dois dias, naquele local, para só mais tarde se dirigir a Betânia, *Casa de Aflição*.

2. Diante de Marta, que, parida de dor, sai ao seu encontro, Jesus não se consome muito com a morte já consumada! E, em vez de carpir o amigo defunto, anuncia e promete à mulher bem mais do que ela podia esperar: *a ressurreição* (Jo.11,23-25) e *a vida eterna*, dons mais generosos, do que uma vida prolongada, ou uma morte adiada. É verdade que só, *pela fé*, esta promessa pode servir de alívio e consolação! Acreditar é, aqui, verdadeiramente, uma questão de vida ou de morte. “*Acreditas nisto*”? (Jo.11,25) Disse repetidamente (Jo.11,25.40) Jesus a Marta!

3. Junto de Maria, caída a seus pés, a desabafar, com mais doçura e lágrimas as palavras secas da irmã, Jesus prefere a comunhão de sentimentos, ao desperdício do discurso! Ele comove-se profundamente pelo drama da morte do amigo e chora! Chora também a dor de Maria, como chora a dor desesperada, por quem a sofre a morte, por não lhe encontrar o sentido. O Mestre Jesus – está visto! - não poupa os amigos ao sofrimento... Jesus simplesmente está presente, com gestos de compaixão e de ternura, porque a doença, a debilidade ou a dor não se curam

apenas com terapias refinadas ou com cuidados paliativos requintados. Jesus sabe que a proximidade e a escuta silenciosa, são milagres simples do verdadeiro amor. São sinais que podem iluminar a esperança e a confiança do coração, para não fazer tropeçar a fé no meio da noite escura da dor!

4. Hoje, na maioria dos casos, o doente é entregue aos médicos, à medicina, à tecnologia. Mas não basta. Não pode bastar-lhe. O doente precisa de uma *interpretação* do seu estado de paciente, e isso a medicina não lhe pode dar. A medicina preocupa-se por tratar do mal, por adiar a morte, por vezes, muito para além do limite do razoável. Mas há hoje o risco de não se dar condições, a que a pessoa possa elaborar o *significado da doença* ou mesmo da velhice. E essa é questão fundamental: ajudar a integrar a doença e até a debilidade da velhice, como revelação do limite humano, como experiência da necessidade radical do outro, como possibilidade de comunhão sofrida e gozosa com Deus, como ocasião de interrogação e de interpelação, quanto aos valores fundamentais da vida!

5. Isso significa que a doença ou a debilidade da terceira idade, não são apenas um problema de medicina; são também um pedido de ajuda, de amor e de sentido! Quando ajudados, o doente ou o idoso podem tornar-se um *apelo poderoso* a todos, exprimindo sentimentos, até agora ignorados e desatendidos pelo seu coração, como a coragem, a esperança, a paciência não resignada. Nesse sentido, o sofrimento pode tornar-se um *lugar de conversão*: os olhos da pessoa abrem-se para um horizonte, capaz de dar sentido à existência terrena que conhece a doença e a morte. Na verdade, a pessoa humana tem lugares no coração que só a dor e um longo tempo de vida trazem à luz.

6. Nesta reta final da Quaresma, este sinal da ressurreição de Lázaro recorda-nos que «**o Senhor é a vida e a longevidade dos nossos dias**» (Dt 30,20). O Santo Padre

tomou este pensamento da Escritura, como programa quaresmal, no sentido de centrar a nossa atenção, nas necessidades e virtualidades dos idosos.

7. Talvez sem saber que a doença lhe ir entrar pela janela *adentro*, o Papa permitiu que a essa doença não fosse de morte, mas se tornasse também sinal e ocasião para manifestar ao mundo a *glória do Filho de Deus* (Jo.11,5). Ora *“a glória de Deus é o homem vivo! Mas a vida do homem é a visão de Deus”!* (Sto. Ireneu) Por isso, *“demos graças ao Pai, em todos os momentos da nossa vida, na saúde e na doença, no sofrimento e na alegria”* (Prefácio Comum VIII), por Cristo, nosso Redentor!

Homilia no V Domingo da Quaresma A 2002

1. Um atraso de vida, este Jesus! Recebe a notícia da doença do amigo Lázaro, e fica à espera que ele morra. Sem pressa, que o seu trabalho, pelos vistos, não é o de adiar a morte, mas o de antecipar a vida. Dois dias ainda, onde estava... e nem ao terceiro foi de vez. O último sinal que Jesus quer dar da glória de Deus não podia deixar margem para qualquer dúvida. Lázaro estava morto e bem morto há quatro dias. E Jesus, que sente já no ar o cheiro da própria morte, quer deixar um certo perfume da sua ressurreição. Por isso vai a Betânia, ao encontro de uma «*casa de aflição*».

2. Vem ter com ele, Marta, para desabafar o seu protesto diante da morte e se agarrar a Deus, como último reduto da sua esperança. «*Senhor, se tivesses estado aqui meu irmão, não teria morrido. Mas sei que mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá*». Que é como quem diz, «*se aqui estivesses Lázaro teria escapado à doença e dado, por agora, um pontapé na morte*». Jesus compreende o protesto, mas acrescenta-lhe uma Promessa: «*Teu irmão ressuscitará*». Marta concorda, mas tem pena que demore tanto e lhe pareça tão pouco. Porque isso será apenas «*no último dia*»... diz ela.

3. Jesus confirma-lhe então que esta Promessa de futuro é já presente. E que aquilo que Ele lhe dá é muito mais do que aquilo que ela Lhe está a pedir. Ela queria uma morte adiada. E Jesus comunica uma vida sem interrupção. Ela queria restituir Lázaro à vida mortal, e Jesus anuncia-lhe uma morte que é vital. «*Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem a acredita em mim, ainda que tenha morrido viverá e todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá jamais*». A vida, que é o próprio Jesus, não pode ser interrompida por nenhum acontecimento, porque é vida para sempre. Aquele que acredita em Jesus e O acolhe, recebe esta vida, que nada e

ninguém poderá destruir. E esta vida nova começa já a manifestar-se naquele que crê, para um dia atingir a sua plenitude.

4. As palavras de Jesus não são uma ilusão de consolação. São Vida. Por isso Jesus não ignora a dor da morte. Chora até a perda do amigo e chora a nossa impotência e descrença diante da morte. Ainda assim, Ele avança para o túmulo, para remover a pedra. Marta parece voltar atrás na fé. Mas Jesus sabe que é ouvido pelo Pai e grita por Lázaro: *«Lázaro sai para fora. E o morto saiu, de mãos e pés enfaixados, com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhes Jesus: deixai-o ir»*. Nada pode deter esta vida nova. Jesus desata o nó cego da morte, para nos enredar em novos laços da vida.

5. Caríssimos irmãos: Depois da Samaritana e do cego de nascença, apresenta-se-nos hoje este personagem, o mais trágico, e amigo de Jesus. É a figura de todo o homem, condenado à morte, mas a quem Jesus ressuscita, reanimando o seu corpo, para a vida presente. Esta ressurreição é ainda e apenas um sinal antecipado da Ressurreição de Cristo, pela qual, solidariamente, Cristo nos libertou do poder das trevas e da morte, e nos regenerou para uma esperança viva e incorruptível (I Pe.1,3-5;22-23).

6. Pelo batismo de regeneração, todos nós «fomos sepultados com Cristo na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos, pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rom.6,4), na tal vida nova, que começa agora e desde já.

7. Na reta final desta Quaresma, é importante, que cada um se coloque, como pobre mortal, diante deste Cristo morto e ressuscitado e se pergunte, se há, de facto, algum sinal de vida nova a surgir, se há alguma novidade de vida a

despontar. Perguntemo-nos, se pela mortificação dos sentidos e dos apetites, do jejum, da abstinência e da penitência, morremos para alguma coisa, para caminhar numa vida realmente nova. Haverá Páscoa na nossa Vida, sem morte de vida apodrecida? A mensagem de Jesus parece clara: Pior do que morrer é estar morto. E é preciso morrer de novo, para não morrer jamais. Acreditas nisto?

Homilia no V Domingo da Quaresma A 1999

1. «*Jesus chorou*». Um vale de lágrimas inunda o maior dos milagres de Jesus. Entre a obscura fé de Marta, vencida pela morte, e as lágrimas incontidas da dor de Maria, em busca de consolação, está Jesus. Afligido, pela dor dos seus amigos, que o comove, mas não aflito por qualquer desgraça. Jesus chega atrasado, «*quatro dias depois*», mas vem a tempo. Vem a tempo de fazer «*recolher com alegria os que semeiam com lágrimas*». «*Jesus, ao vê-la (Maria) chorar e vendo chorar também os judeus que vinham com ela, comoveu-se profundamente e perturbou-se*». Depois, de frente ao corpo de Lázaro morto, «*Jesus chorou*». É a primeira vez que o evangelho nos mostra Jesus a chorar. Vê-l’O-emos depois chorar sobre Jerusalém.

2. Porquê estas lágrimas? Ternura espontânea do amigo? Horror do mau cheiro, exalado da tumba, que deverá mais tarde receber de novo a Lázaro? Mais do que isso. Jesus, está aqui, frente a frente com a sua própria morte. Ele sabia que Lázaro, com uma só Palavra, voltava rapidamente à vida, mas que Ele próprio em breve, desceria à tumba donde Lázaro saía... Aliás ao fazer este milagre, Jesus, despertou ódios e cavava assim definitivamente a sua sepultura. As lágrimas de Jesus são, por isso, o começo da sua agonia, a sua sensibilidade natural diante da morte. Ele chora, por paixão sofrida pela dor dos homens. Ele chora por compaixão amorosa com a nossa dor. É o pranto de um homem que chora com os homens, que chora pelas mesmas causas que afligem os outros homens. São as lágrimas da fraternidade. São lágrimas recolhidas da miséria da nossa condição. Mas são lágrimas derramadas pela misericórdia do seu coração.

3. Nestas lágrimas que correm pela face de Jesus, «*intimamente comovido*», vemos as lágrimas do rosto do Pai, que está nos céus. Diz certa parábola, que o Pai, ao ver o regresso do Filho mais novo, «*encheu-se de compaixão*» (Lc.15,20), ou mais

precisamente, *«sentiu um estremecimento das entranhas»*. Sentiu *«o coração agitar-se dentro de si»* (Os.1,8). Não se trata de uma emoção à flor da pele, mas de uma perturbação do Ser na sua profundidade. É a voz do sangue. A alegria do pai *«comovido»* resulta de um medo terrível que acaba justamente de desaparecer. *«O meu filho estava perdido e foi reencontrado»*. O mesmo é dizer: *«O meu Filho estava morto e voltou à Vida»*. Na parábola que Jesus conta, o pecado aparece na sua sinistra profundidade: ele conduz a perdição, equivale à morte. Por isso, ser reencontrado, reconciliado, é o mesmo que ser ressuscitado.

4. A passos largos do fim da Quaresma, Deus continua a derramar lágrimas por nós, enquanto nós não chorarmos as suas lágrimas. A abundância da misericórdia do Pai pede as lágrimas da nossa penitência. A nossa dor pelo pecado de cada um e pelo pecado do mundo provoca a compaixão divina. A dor leva-nos a reconhecer os pecados do mundo - incluindo os nossos -, abala o nosso coração e faz-nos derramar muitas lágrimas. Não há misericórdia sem lágrimas. Se não forem lágrimas choradas pelos olhos, têm de ser lágrimas derramadas pelo coração. Se me detenho a pensar na desobediência dos filhos de Deus, na minha e na nossa luxúria, cobiça, violência, ira, rancor, egoísmo, e se os vejo através dos olhos rasos de água do coração de Deus, não posso deixar de chorar.

Acreditai que Deus *«chora»* por cada um de nós, enquanto cada um não lavar os seus pecados nas lágrimas da Penitência. Acreditai que o Pai chora por cada um de nós, enquanto nos recusarmos a entrar no banquete da reconciliação (a Eucaristia) de mão dada com os outros irmãos. Acreditai que Deus chora de alegria, quando saímos do túmulo dos nossos pecados e nos diz: *«Alegremo-nos, porque este meu Filho estava morto e voltou à Vida»* (Lc.15,23-24). Parece-me ouvir, hoje, já, e como nunca, o grito de Jesus a caminho do Calvário: *«não choreis por mim, chorai antes por vós mesmos e por vossos filhos»* (Lc.23.28).

Homilia no V Domingo da Quaresma A 1993

1. Sensação de viver!

Sentiu os passos do Mestre, ali bem perto. Deixou os lamentos, os choros desesperados, as palavras inúteis, os gestos de circunstância. Marta irmã de Lázaro, doente e depois morto. Junto de Jesus deixou escapar um desabafo em forma de protesto: “Se aqui tivesses estado, meu irmão não teria morrido”. Sei que eras muito amigo dele. Não o deixarias morrer assim e tão cedo. Farias uma cura. E ele viveria mais uns anos. Mas pronto! Também sei que podes muito. E que se pedires, Deus to concederá! Se quiseres ele até poderá voltar a comer connosco à mesa! Jesus deve ter tido mais pena de Marta que de Lázaro. Marta estava a pedir tão pouco. Apenas um milagrezito para voltar a dar um pouco de Vida a um cadáver já em decomposição. Marta queria apenas a sensação de viver, a emoção de um instante de prazer, sentir o ritmo que a faz vibrar! Tão pouco, pobre Marta. E Jesus fala-lhe da Ressurreição. E mais uma vez a pobre mulher lhe fala do fim dos tempos, à espera de uma compensação lá para o fim de tudo... como se Deus não nos quisesse dar já o que nos dará depois em plenitude. Ó, Marta. Essa tua fé na Ressurreição parece contar tão pouco, para o tempo presente. Uma esperança tão distante. Vou dizer-Te uma coisa:

2. Uma vida que não morrerá!

Olha. “*Eu sou a Ressurreição e a Vida*”. A Vida que eu sou e tenho para dar é muito maior do que aquela que tu desejas. Não é para depois. É para já. Não é apenas para um instante. É para sempre. Não é apenas uma Vida para saciar os sentidos, para compensar os desejos. É a vida mesma de Deus, a Vida do Pai, uma Vida em abundância, sem limites. Tão plena e tão viva, que supera em muito o que tu me

pedes. Tão bela e tão profunda que desabrocha em ti desde o primeiro instante de Vida e há de atingir uma plenitude, que nem ousas imaginar. Acreditas nisto? Tudo vem daqui! Se crês, se acolhes a Minha Palavra, se me aceitas como Caminho de Vida, se me deixas tomar conta de Ti, se me permites entrar no teu coração, se descobrires em Mim essa Vida está já marcada por esta Vida que Eu dou e comunico, que Eu sou e quero para ti e para todos. Seria muito pouco reanimar o cadáver do teu irmão. Posso fazê-lo, mas apenas como um sinal, para saibas e acredites que Eu sou Vida e tenho poder sobre a morte. Acreditas nisto! Se crês, se ouves a Minha Palavra e acreditas no Pai que me enviou, tu já possuis a Vida, já passaste da morte à Vida. Para ti, tudo é novo e pleno de sentido, mesmo que a dor te pese ou a angústia se apodere de ti. E Jesus não esperou muito para voltar a ouvir o mesmo desabafo. Agora era Maria, que Lhe caiu aos pés. Diante dos soluços da irmã e dos judeus, Jesus estremeceu de comoção no seu íntimo e perturbou-se. Quer saber onde colocaram o morto. E chorou! Chorou, porque nem a esperança da fé seca as lágrimas diante de um amigo, diante da morte. É este amor por Lázaro que faz Jesus estremecer de novo. Na pedra, a dureza de uma vida e o peso de uma morte, sepultados no vazio de uma caverna!

3. O Espírito que dá a Vida!

Mas, na voz forte de Jesus, vibrava o gemido do Espírito que nos faz viver, mesmo quando parece falida toda a humana esperança. Sepultados com Cristo na morte, desde o nosso Batismo, habilita-nos o Espírito, gritando-nos permanentemente “vem para fora”! Liberta-te! De todas as amarras. E vive para Aquele que por ti morreu e ressuscitou! Vai. Dá a tua Vida, para que nasça vida em tantos que perderam a sensação de viver! Dar a Vida por eles é não mais morrer!

AS LÁGRIMAS DE DEUS

"Há muito tempo, houve um rabino bom e fiel. Quando chegou o grande dia do Perdão, ele orou durante todo o dia pelo seu povo, jejuou, fez penitência, pelos pecados da sua comunidade. Naquela noite, a mais santa do ano judaico, estavam todos reunidos na sinagoga, orando, pedindo o perdão e a misericórdia de Deus, bendizendo o seu nome santo. O rabino estava de costas para o povo, orando, segurando com as mãos o manto que lhe cobria a cabeça e lhe caía dos ombros. Orava tão fervorosamente quanto podia. Recordava que naquela noite, em todas as sinagogas do mundo, todos os judeus rezavam pedindo o perdão de Deus.

Enquanto rezava, o rabino pedia a Deus um sinal de que a sua oração pelo povo era escutada. Tão depressa o pensou e rezou, como de repente foi assaltado por esta inquietação: *"Porque devia responder o Deus Santo a uma oração como aquela, quando provavelmente havia muitos outros que esperavam o mesmo"*? E, quase no mesmo instante, recebeu uma resposta às suas orações. Por um momento escutou a voz de Deus, clara e harmoniosa, como o som de um sino: *«Se for Tam a apresentar-me as vossas orações, acolher-vos-ei de novo com ternura a todos no meu coração, perdando todos os vossos pecados e derramando a minha misericórdia sobre vós»*. E então, com a mesma claridade com que havia aparecido, a sensação e o som desapareceram. O rabino continuava orando de costas para o povo, e estava só.

Depois deu meia volta e dirigiu-se ao povo. Em vez de rezar as orações de intercessão, como pedia o ritual, disse em voz alta: *«Tam. Tam. Onde está Tam?»* Sabia o que todos estavam a pensar, porque havia uns segundos que ele mesmo tinha pensado nisso: *«porquê Tam? Tam não ia quase nunca à Sinagoga. Era pobre e analfabeto e trabalhava tanto que, com frequência, não ia ao culto sinagagal.*

Era um homem de bom coração, mas certamente tinha pouca importância na comunidade. O rabino nem sequer sabia exactamente como ele ganhava a vida. Por isso todos ficaram atordoados, emocionados.

E o pobre Tam, que de facto se encontrava na Sinagoga naquela noite santa, estava igualmente surpreendido. Estava paralisado e não se podia mover. Porque havia pronunciado o rabino o seu nome em voz alta, no lugar da oração? Que coisa terrível estaria prestes a acontecer? Mas alguns dos presentes reconheceram-no, e o rabino fez um gesto para o levarem até à frente da Sinagoga. Tam ficou de pé, em silêncio, com a cabeça inclinada diante do rabino.

O rabino falou-lhe com voz forte e directa: *«Estive a pedir misericórdia e perdão para todos nós nesta noite, e Deus - bendito seja o seu nome - disse-me claramente que todos seríamos perdoados e que nos acolheria de novo no seu coração se orares por nós, se fores tu a apresentar a tua oração a Deus por nós».*

Tam não sabia o que responder: Como podia orar? Nem sequer sabia ler as orações do livro do culto Sinagagal. Mas o rabino insistiu. Deus só voltaria a acolher a comunidade em seu coração e só lhes daria um ano de bênção, graça e misericórdia, se Tam orasse com eles. Teria que orar por eles! Finalmente Tam aceitou. Mas olhou o rabino e disse: *«tenho que ir recolher as minhas orações».*

«Quê?», pensou o rabino. *«onde irás tu recolher as tuas orações?».* «Pois vê», disse-lhe: Tam correu pelo meio da sinagoga, dividindo a assembleia ao meio. Todos estavam confundidos e desconcertados. Mas Tam não vivia longe; a sua casa ficava numa rua, que dava para a porta traseira da Sinagoga. Não tardou nada em voltar.

De novo houve um certo alvoroço na Sinagoga, quando Tam se aproximou das grades. Pôs-se de pé, junto ao rabino, e orou pela comunidade. Estava, de pé, diante de todos, e nas suas mãos tinha uma grande vasilha de barro. Levantou-se o mais que pode, virou as costas ao povo e rezou a Deus dizendo:

«Oh, Deus Santo, tu sabes que eu não sei rezar, mas trago-te tudo o que tenho. Neste jarro, eu verti as minhas lágrimas. Quando cai a noite, ainda que cansado, sento-me e entrego-me à oração. Penso então na minha pobre mulher e nos meus pobres filhos e na tristeza de estes não terem roupa adequada ao culto Sinagoga e se envergonharem assim de vir à Sinagoga. E começo a chorar. Depois penso em todos os que passam fome, nos mendigos que há à porta da sinagoga e nas ruas, à chuva e passando frio, miseráveis e tão sós, e choro ainda mais.

Penso ainda naquilo que fazemos uns aos outros. Penso em todas as difamações e ódios, em todas as brigas e guerras. E penso que tu choras, ó Deus, ao veres, como desta forma, fazemos mal uns aos outros. E sei que, por causa disto, estás sempre a chorar por nós.

Ó Deus Santo, choro por ti, por tudo o que faz sofrer o teu coração e que tanto te entristece. Agora, eu te suplico: Toma as minhas lágrimas. Aceita a minha oração e acolhe, uma vez mais e de novo, a todos nós, em teu coração. Dá-nos a tua bênção e perdoa-nos pela tua grande misericórdia e ternura».

Tam pegou no jarro e verteu as suas lágrimas sobre o pavimento da sinagoga. Houve um longo silêncio e depois, emocionado, falou, o rabino: «Deus escutou Tam. E nós fomos perdoados. Somos de novo o Povo de Deus. Vivamos este ano, com o coração agradecido».

Os que estavam na sinagoga cantaram. Mas saíram em silêncio. Fizeram votos de não esquecer nunca a oração de Tam nem o seu jarro de lágrimas. E de tudo fazer para que, no ano seguinte, houvesse menos motivos para chorar.

Olharam para Tam e para a sua família, de uma maneira nova. E também para os vizinhos. Alguns até se reconciliaram com os seus inimigos, mas todos eles voltaram para casa, pensando nas lágrimas de Deus!

Baal Shem Tob, o Mestre do Bom Nome

Adaptado por Pe. Amaro Gonçalves de

MEGAN MCKENNA,

La cuaresma, día a día, Ed. Sal Terrae 199. 302-304

A REFLECTIR - Evangelho de Lázaro: Jesus Chorou!

1. As lágrimas do Homem: a dor pelo mal e o arrependimento
2. As lágrimas de Deus: a dor pelo mal do mundo e a compaixão pela sua misericórdia.
3. Jesus chora, pela morte. Do mesmo modo que o Pai «da parábola» se compadece. chora pelo pecado do filho perdido. O pecado equivale a morrer. Por isso o arrependimento equivale a ressuscitar.
4. Que as lágrimas da nossa miséria e as lágrimas da misericórdia do Pai tragam vida nova a toda esta comunidade...

Pedi a Deus II

Pedi a Deus para ser forte,
a fim de realizar projetos grandiosos,
E Ele tornou-me fraco,
para me conservar na humildade...
Pedi a Deus que me desse saúde,
para realizar grandes empreendimentos,
E Ele deu-me a dor, para compreendê-la melhor...
Pedi a Deus riquezas, para tudo possuir,
E Ele deixou-me pobre, para não ser egoísta...
Pedi a Deus o poder, para que os homens precisassem de mim.
E Ele me deu a humilhação, para que eu precisasse deles...
Pedi a Deus tudo, para gozar a vida...,
E Ele deixou-me a vida, para eu poder gozar de tudo...
Senhor,
Não recebi nada do que pedi,
Mas deste-me tudo o que precisava.
E quase contra a minha própria vontade,
As preces que eu não fiz foram ouvidas....
Louvado sejas, ó meu Senhor !!!
Entre todos os homens,
ninguém tem mais do que eu!

**Oração de um atleta americano,
que aos 24 anos, ficou paralítico e encontrou Deus no sofrimento**

A narrativa da ressurreição de Lázaro (João 11,1-45) é a página onde Jesus surge mais humano. Vemo-lo estremecer, chorar, comover-se, gritar. Quando ama, o ser humano realiza gestos divinos; quando ama, Deus fá-lo com gestos muito humanos.

Uma força percorre todas as palavras da narrativa: não é a vida que vence a morte, A morte, na realidade, vence e engole a vida. Porém, aquilo que vence a morte é o amor. Todos os presentes naquele dia em Betânia deram-se conta disso: olhai como o amava, dizem, admirados. E as irmãs cunham um nome belíssimo para Lázaro: *Aquele-que-Tu-amas*.

O motivo da ressurreição de Lázaro é o amor de Jesus, um amor até às lágrimas, até ao grito altivo: *vem para fora!* As lágrimas de quem ama são a mais poderosa lente de ampliação da vida: vê através de uma lágrima, e compreende coisas que nunca poderás aprender nos livros.

A rebelião de Jesus contra a morte passa por três níveis:

1. **Removei a pedra.** Fazei rolar os penedos que estão à entrada do coração, os escombros sob as quais vos sepultastes com as vossas próprias mãos; afastai os sentimentos de culpa, a incapacidade de vos perdoardes a vós mesmos e aos outros; afastai a memória amarga do mal recebido, que vos crava às vossas prisões interiores.

2. **Lázaro, vem para fora!** Fora para o sol, fora para a primavera. E di-lo a mim: vem para fora da gruta negra dos arrependimentos e das desilusões, da mania de olhares só para ti mesmo, do hábito de te sentires- o centro das coisas. Vem para fora, repete à borboleta que está em mim, encerrada dentro da lagarta que

acredito ser. Não é verdade que todas as mães do mundo dão à luz sobre um tumulto (B. Brecht), como se a vida fosse imediatamente sorvida para dentro da morte, ou caminhasse sempre à beira de um abismo. As mães dão à luz sobre uma esperança, sobre uma grande beleza, sobre um mar vasto, de muitos abraços. Sobre um sonho! E sobre a eternidade. A cada filho que nasce, Cristo e o mundo gritam, a uma só voz: vem, e traz-nos mais consciência, mais liberdade, mais amor!

3. **Libertem-no e deixem-no ir.** Desatai os mortos da sua morte: libertai-vos todos da ideia de que a morte é o fim de uma pessoa. Libertem-no, como se libertam as velas ao vento, como se desatam os nós de quem está dobrado sobre si mesmo, os nós do medo, os emaranhamentos do coração. Libertem-no de máscaras e medos. E depois: deixem-no ir, deem-lhe uma estrada, e amigos com quem caminhar, algumas lágrimas, e uma estrela polar.

Que sentido de futuro e de liberdade emana deste Rabi que sabe amar, chorar e gritar; que liberta e coloca caminhos no coração. E compreendo que Lázaro sou eu. Eu sou Aquele-que-Tu-amas, que nunca aceitarei ver acabar no nada da morte.

Ermes Ronchi

In *Avvenire*

Trad.: Rui Jorge Martins

Imagem: "Ressurreição de Lázaro" (det.) | Sebastiano del Piombo | 1517

Publicado em 26.03.2020

Homilia na Missa com a Catequese – 5.º domingo da Quaresma A

A ressurreição de Lázaro é o penúltimo de sete *sinais* realizados por Jesus, no Quarto Evangelho! A mensagem parece clara: a morte não terá mais a última palavra, mas tão só a penúltima palavra. Porque a palavra última, decisiva, definitiva, será a da Ressurreição. Deste longo e tão comovente Evangelho, fixemo-nos tão só, em três ordens vitais de Jesus, para sepultarmos o homem velho que há em nós e deixarmos ressurgir o Homem novo, regenerado nas águas do Batismo. São três movimentos, três sinais vitais: ***tirai a pedra; vem para fora; desligai-o.***

1. Tirai a pedra! Tirai a pedra, quer dizer, fazei rolar os penedos que estão à entrada do vosso coração. Por muito pesado que seja o vosso passado, por muito grande que seja o vosso pecado, por muita desonrada que seja a vossa vergonha, tirar a pedra, nunca fecheis a entrada do vosso coração ao Senhor. Ele lava com as suas lágrimas o vosso coração imundo. Por isso, tirai do coração aquela pedra que impede Jesus de entrar. Este é o tempo favorável para remover os nossos pecados, o apego às vaidades mundanas, o orgulho que nos bloqueia a alma, as inimizades entre nós e nas famílias. Há tantas pedras na mão e no sapato!

Pergunto-me: O que há no meu coração que impede Jesus de entrar e transformar a minha vida? Quais são as pedras pesadas que me impedem de ser uma nova criatura? Em vez de tirar a pedra, atiro pedras? Faço críticas e acusações? Digo palavras ofensivas ou mentiras, realizo gestos violentos? Desprezo os outros?

Proposta: Não atirarei pedras; tirarei antes as pedras mortais do meu coração!

2. Vem para fora! Agora o apelo é muito pessoal: *vem para fora* do teu pequeno mundo, sai da *gaiola dourada* na qual te fechaste, contentando-te com uma vida egoísta, medíocre, acomodada, resignada e confinada aos teus interesses. *Sai* do túmulo de uma vida artificial, ligada às máquinas. Sai de ti mesmo, da tua casa, da tua Igreja, do teu condomínio fechado, para encontrares a vida lá fora: a vida na vida dada aos outros, a vida na vida recebida de outros.

Pergunto-me: Estou fechado nos meus interesses, nos meus hábitos, nos meus passatempos? Sou capaz de sair ao encontro dos outros? Gosto de ajudar, de servir, de participar nas atividades da família, da Escola, do Escutismo, da Catequese, da Paróquia? Ou fecho-me no meu mundo?

Proposta: Sairei do meu mundo, sairei de mim mesmo(a) ao encontro dos outros.

3. Desligai-o e deixai-o ir. Esse Lázaro, atado ao seu passado, imobilizado, enfaixado, *morto em pé*, sou eu, és tu. Desliga-te das relações tóxicas que te asfixiam. Desliga-te das redes sociais que te aprisionam. Desata as ligaduras do medo, dos hábitos, dos vícios do passado, que te impedem de andar e de mudar; liberta-te das ataduras das preocupações excessivas que te amarram e bloqueiam. Acredita que Deus pode desfazer os teus nós-cegos.

Pergunto-me: O que é que me está a prender, para seguir Jesus de modo livre? Estou “ligado às máquinas”, prisioneiro do telemóvel, do computador, das redes sociais? Estou ainda «agarrado à saia da mãe», ou preso um certo grupo de pessoas?

Proposta: *Desatarei as ligaduras que me prendem e tecerei apenas laços de amizade fraterna.*

Oremos:

Senhor, Tu que aceitaste a hospitalidade de Marta, Maria e Lázaro, entra também nesta Casa de aflição, que é o meu coração, para eu Te servir e me reclinar à mesa conTigo. Senhor, reanima a minha esperança, faz-me sair ao encontro dos irmãos e desliga-me dos fios emaranhados das muitas confusões e preocupações da minha vida. Faz-me viver, morrer e ressuscitar conTigo. Ámen.

Ato penitencial

P. Para celebrarmos dignamente os santos mistérios, invoquemos a misericórdia do Senhor!

P. Senhor, Tu és o amigo por excelência. Mas nós nem sempre Te damos a atenção que mereces. Às vezes, esquecemo-nos de rezar. Nós Te pedimos perdão!

Coro: *Kyrie, eleison!* **Assembleia:** *Kyrie, eleison!*

P. Cristo, Tu és o nosso amigo maior. Mas nós nem sempre correspondemos à tua amizade, quando faltamos à Eucaristia! Nós Te pedimos perdão!

Coro: *Christe, eleison!* **Assembleia:** *Christe, eleison!*

P. Senhor, Tu és o nosso amigo que nunca falha. Mas nós, muitas vezes, esquecemo-nos dos teus amigos, feridos pela solidão, pela doença e pelo luto. Nós Te pedimos perdão!

Coro: *Kyrie, eleison!* **Assembleia:** *Kyrie, eleison!*

Oração coleta ¹

P. Senhor Jesus, Tu és a ressurreição e a vida;
quem tem fé em Ti não morrerá para sempre.

Com Marta e Maria, nós dizemos-Te:

“*Senhor, o teu amigo está doente*”.

Afugenta dos nossos corações a tristeza,
que nos esmaga como a pedra da sepultura.

Retira dos nossos olhos as vendas
que nos envolvem como uma mortalha.

Senhor,
quando choras diante da nossa dor,
como outrora diante da sepultura de Lázaro,
ficamos consolados.

Então, estamos certos de que a tua voz
nos chamará dos nossos túmulos
para viver na alegria plena do teu amor para sempre.

Tu que és Deus,
e que vives e reinas com o Pai
na unidade do Espírito Santo,
pelos séculos dos séculos.

R. *Ámen.*

¹ LUCIEN DEISS, in C. FLORISTAN, *Celebraciones de la comunidad*, 93.

TERCEIRO ESCRUTÍNIO | CRIANÇAS EM IDADE DE CATEQUESE

P. Os catecúmenos têm neste 5.º Domingo da Quaresma – Domingo da dádiva da Ressurreição – o seu terceiro escrutínio: última chamada para a liberdade antes do Batismo. Enxertados em Cristo, fomos sepultados com Ele na morte, para ressuscitar para uma vida nova. É esse o dinamismo de conversão permanente no nosso caminho. É este o terceiro escrutínio: encontrar-se com Cristo, assumindo a condição mortal, frente à sua condição gloriosa de ressuscitado, vencedor do pecado e dador de vida imortal.

Oração em silêncio

Diacono: Eleitos de Deus, inclinai-vos e orai.

Os eleitos inclinam-se. E todos oram durante algum tempo em silêncio.

Oração em silêncio

Preces pelos Eleitos (cf. RICA 386)

Celebrante: Oremos pelos eleitos de Deus para o Batismo, a fim de que, semelhantes a Cristo na morte e na ressurreição, alcancem a vitória sobre a morte:

1. Para que toda a Igreja se deixe transformar pela ação do Espírito Santo, que a purifica, ilumina e renova, oremos ao Senhor. **R.** Ouvi-nos, Senhor.
2. Para que o mundo inteiro, que Deus criou por amor, se renove continuamente na fé e na caridade, oremos ao Senhor. **R.** Ouvi-nos, Senhor.

3. Para que todos os eleitos para o Batismo, sejam fortes na fé, oremos ao Senhor. **R.** Ouvi-nos, Senhor.
4. Para que os que se sentem tristes pela morte dos seus familiares e amigos, encontrem em Cristo a sua esperança e consolação, oremos ao Senhor. **R.** Ouvi-nos, Senhor.
5. Para que nós próprios, ao vermos chegar as solenidades pascais, tenhamos a firme esperança de ressuscitar com Cristo, oremos ao Senhor. **R.** Ouvi-nos, Senhor.

Exorcismo

Em seguida, o Celebrante impõe a mão, em silêncio, sobre cada um dos eleitos. Depois, estendendo as mãos sobre os eleitos, continua:

Celebrante: Senhor Jesus Cristo, que, ao ressuscitar Lázaro de entre os mortos, nos destes um sinal de que tínheis vindo para que os homens tivessem a vida e a tivessem em abundância, livrai do pecado e da morte os que buscam a vida nova nos Vossos sacramentos, libertai-os do espírito do mal e, pelo Vosso Espírito que dá a vida, comunicai-lhes a fé, a esperança e a caridade, para que vivam eternamente convosco e participem da glória da Vossa ressurreição. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: Ámen.

Oração Pós-Comunhão ²

*É conveniente que sejam dois leitores diferentes a ler a introdução e a fazer a Oração.
Um deles pode ser o Presidente.*

“O encontro semanal com o Senhor crucificado e ressuscitado exprime a nossa fé no facto de que Ele é, aqui e agora, a nossa Ressurreição e a nossa Vida”³. Oremos.

Obrigado(a), ó Pai,
origem e meta de toda a vida,
porque a Tua presença sustém o nosso ser,
sem que nos afundemos no nada
ou nos percamos para sempre na morte.
Ofereceste-nos o Teu Filho,
luz sem ocaso, claridade sempiterna,
que nos ensinou o caminho da vida
para escapar às sombras da morte
e participar do banquete do Teu Reino.

Jesus, Teu Filho, homem mortal como nós,
chorou a morte do seu amigo Lázaro
e devolveu-o à vida
porque Ele é a Ressurreição.

² Adaptado de C. FLORISTÁN, *Celebraciones de la comunidade*, 95.

³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório Homilético*, Ed. Paulus, Apelação 2015, n.º 76.

Mostra, Senhor, a tua compaixão para connosco
e congrega-nos, a todos,
na felicidade da vida verdadeira.

Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

R. **Á**men.